

Alvares de Azevedo

A Noite na Taverna

1919

BIBLIOTHECA POPULAR

Historia da Princeza Magalona. Novissima edição, 1 v. br.
 Historia da Donzella Theora, em que se trata da sua grande for-

most
 Histor
 Histor
 vissi
 Histor
 e Jul
 vissi
 Histor
 Impe
 de st
 Dial
 onde
 man
 Histor
 Rom
 mull
 Imp
 tuna
 nou
 sine
 Nova
 de l
 Fez,
 Conf
 fez s
 ediç
 Despe
 seg
 1 v.
 Maria
 pria
 1 v.
 Astuc
 e sa
 adu
 Simp
 told
 1 v.
 Vida
 Ber
 A no
 Pre
 Ma
 Disp



VIVERE AD VIVERE

EX LIBRIS

CLADO RIBEIRO DE LESSA



[Signature] - 17

E-1

M CM. XXVIII.

mulher por nao me querer deitar uns lunhados em sus coxos
 Obra alegre e necessaria para a pessoa que tor casada. 1 v. br.
 Conselheiro dos amantes, novissimo secretario dos namorados.
 1 v. br.
 Galathea. Egloga. 1 v. br.
 Vozes d'Africa. O Navio negroiro, tragedia no mar. 1 v. br.
 Os Escravos. Manuscriptos de Stenio. 1 v. br.
 Lyra do Trovador, novissima collecção de modinhas, recitativos,
 lundús, etc., 1 v. br.

BIBLIOTHECA POPULAR

A

NOITE NA TAVERNA

CONTOS PHANTASTICOS

POR

ALVARES DE AZEVEDO

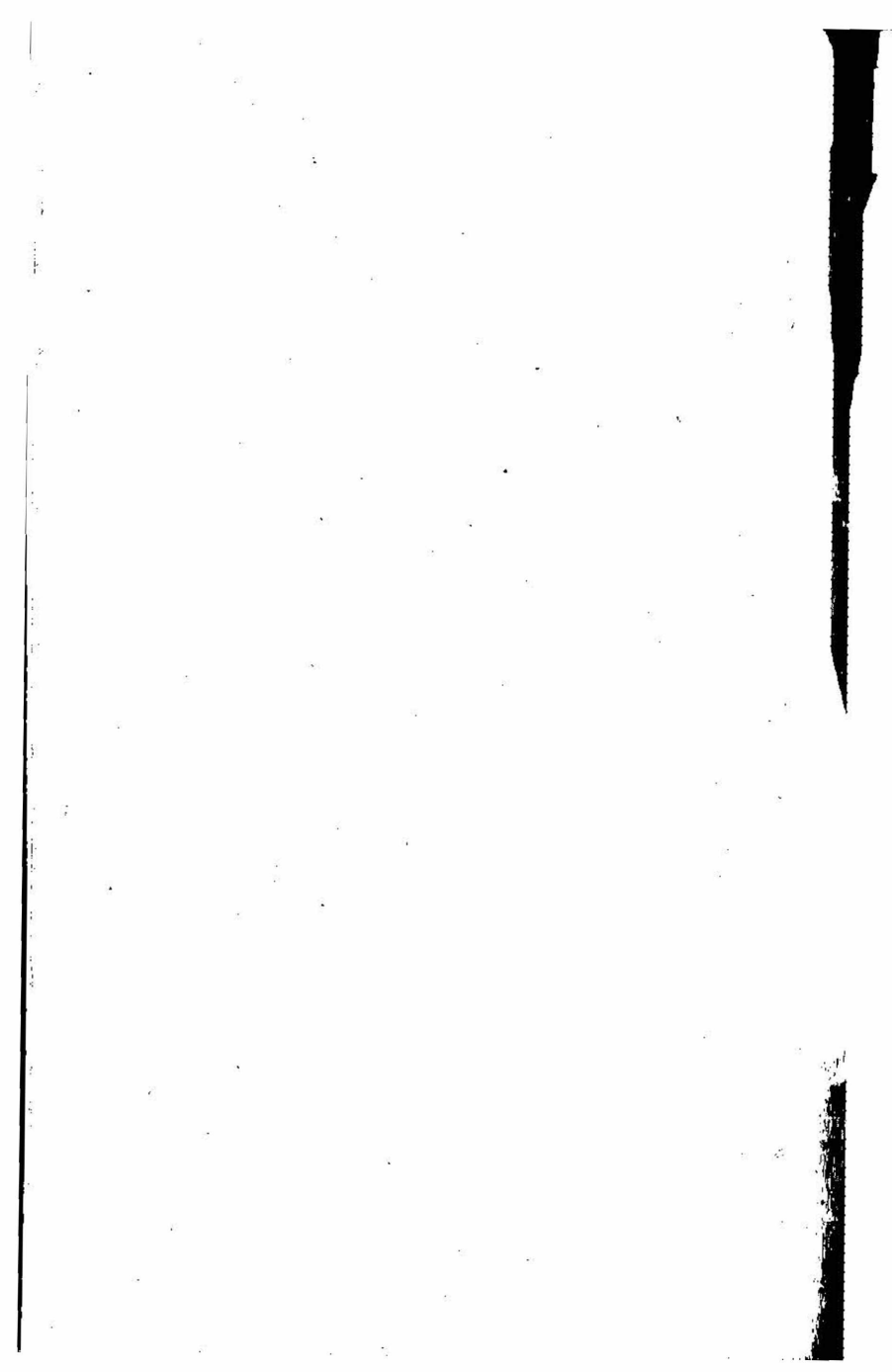
Precedido de um esboço biographico pelo Dr JOAQUIM MANOEL DE MACEDO



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS



ESBOÇO BIOGRAPHICO

DE

MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO



Filho legitimo do Dr. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo e D. Maria Luiza da Motta Azevedo, Manuel Antonio Alvares de Azevedo nasceu na cidade de S. Paulo aos 12 de Setembro de 1831, quando seu pae seguia o curso da escola juridica.

Patenteou desde a infancia extraordinaria intelligencia.

Trazido para o Rio de Janeiro, d'onde seu pae era natural, e onde seguiu por alguns annos a carreira da magistratura, que abandonou depois pela advocacia, começou na capital do imperio a sua educação litteraria com admiração de todos os seus mestres a quem surprehendiam seu raro talento e brilhante imaginação.

Em 1845, feitos os necessários exames, matriculou-se no quinto anno do Imperial Collegio de D. Pedro II e no de 1847 tomou o grau de bacharel em lèttas.

Em 1848 matriculou-se no primeiro anno do curso juridico de S. Paulo, e até 1851, em que completou o seu quarto e penultimo anno academico, radiou como estudante de primeira ordem, a quem não contentava o estudo das materias nos auctores adoptados para o ensino, illustrando-se com a consulta e accurado exame de obras numerosas de grandes jurisconsultos.

Mas ainda assim sobrava muito tempo a essa intelligencia privilegiada para em vôos de arrojada inspiração perlustrar os immensos espaços da litteratura: aguia ainda no berço fitava as eminencias da luz: a Biblia, os Cantos de Ossian, Gøthe, Uhland, Shakspeare, Chenier, Lamartine e Tasso foram os livros e os poetas da sua predilecção.

E de todos o mais querido, o mais seu predilecto, talvez o mais influente, foi Byron.

Alvares de Azevedo principiou a escrever, e revelou-se desde o primeiro dia poeta inspirado, e prosador de grande merecimento.

Tendo feito os seus exames de quarto anno, retirou-se de S. Paulo afim de passar os mezes de ferias com os seus paes; mas, notavel presentimento! apoderou-se de Alvares de Azevedo a idéa de que proximo estava o termo de sua vida, e que não lhe seria dado completar o curso academico e laurear-se com o grau de doutor, ao qual com direito aspirava.

No corpo dos academicos de S. Paulo era acceito o prejuizo de que no quinto anno morria sempre um dos estudantes que o cursavam.

Alvares de Azevedo dizia:

— Sou eu o quintanista que ha de morrer em 1852. E com effeito foi elle!...

Terrivel e inesperada enfermidade o prostrou no leito em principio de março d'aquelle anno, e depois de quarenta e seis dias passados em tormentos, em apprehensões sinistras, e em dubias esperanças, veio enfim a morte, e aquelle genio apagou-se aos vinte e um annos de idade.

Extremos, alvoroços, lagrimas e afflicções, quasi o infinito em cuidados, todos os recursos imaginaveis, todo o empenho estremecido dos paes, dos irmãos, e dos medicos foram infructiferos.

O joven poeta recebeu resignado e constricto os soccorros da religião.

Na manhã de 21 de abril, consolou sua mãe, simulando piedosa esperança que não tinha, e momentos depois, vendo-a affastada, e só junto de seu leito o desvelado Dr. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo, que sem poder falar lhe apertava as mãos, disse tristemente :

— Que fatalidade, meu pae!...

Foram as suas ultimas palavras. Perdeu a voz, cerrou os olhos, e horas depois o anjo do amor, e o anjo da harmonia em suas azas candidas levaram ao Senhor a alma d'aquelle genio peregrino.

Poeta de imaginação vulcanica, Manuel Antonio Alvares de Azevedo quasi que assombra pelos severos estudos que fez em jurisprudencia : era conhecedor muito apurado do direito romano : no direito mercantil deixou annotado com esclarecido criterio o livro adoptado para o ensino no curso juridico de S. Paulo, e o codigo do commercio do Brazil fôra por elle analysado e confrontado com os codigos de outras nações, do que deram testemunho apontamentos, observações e notas, que escreveu.

Como poeta e prosador, Alvares de Azevedo deixou composições que enchem tres volumes publicados depois de sua morte. Poeta e prosador era o genio expontaneo que se estreava sem pretensões e como escrevendo ao acaso e de improviso.

É preciso não esquecer que todas essas composições são perfumes da infancia, e apenas algumas filhas dos seus vinte annos de idade. Tudo quanto escreveu foi a primeira flôr de primavera apenas a desabrochar ; nenhuma de suas composições foi fructo sazonado. E no emtanto que poderosa phantasia !... que idéas arrojadas e ás vezes estupendas !... que imaginação vulcanica, que inspirações muitas vezes tão suaves e delicadas !...

O seu lugar estava marcado entre os primeiros poetas da lingua portugueza, se a morte o não tivesse roubado tão cedo á patria.

A sua evidente predilecção por Byron foi causa de alguns defeitos que se notam em composições poeticas em que ostenta certa originalidade extravagante; mas ainda n'ellas flammeja a sua romanesca e rica imaginação.

E sempre que Alvares de Azevedo poetou, deixando-se levar pelo proprio genio, e livre da influencia dos grandes poetas que amava, melhor e mais puro se revelou pela originalidade e pelo sentimento.

A sua ultima poesia, Canto do Cisne, inspirada dias antes de adoecer, pela idéa do proximo termo de sua vida, foi a seguinte:

SE EU MORRESSE AMANHÃ

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
 Fechar meus olhos minha triste irmã;
 Minha mãe de saudades morreria,
 Se eu morresse amanhã!

Quanta gloria presinto em meu futuro!
 Que aurora de porvir e que manhã!
 Eu perdera chorando essas corôas,
 Se eu morresse amanhã!

Que sol! que ceu azul! que doce n'alma,
 Acorda a natureza mais louçã!
 Não me batera tanto amor no peito,
 Se eu morresse amanhã.

Mas essa dôr da vida que devora
 A ancia de gloria, o dolorido afan...
 A dôr no peito emmudecera ao menos
 Se eu morresse amanhã!

D^e JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

NOITE NA TAVERNA

How now Horatio? You tremble and look pale.
Is not this something more than phantasy
What think you of it?

HAMLET, acto I.

I

UMA NOITE DO SECULO

Bebamos! nem um canto de saudade.
Morrem na embriaguez da vida as dâres
Que importão sonhos, illusões desfeitas?
Feneçam como as fôres!

JOSÉ BONIFACIO.

— Silencio, moços! acabai com essas cantilenas horriveis! Não vedes que as mulheres dormem ebrias macilentas como defuntos? Não sentis que o somno de embriaguez pesa negro naquellas palpebras onde a belleza sigillou os olhares da voluptua?

— Cala-te, Johann! enquanto as mulheres dormem e Arnold-o-louro cambalêa e adormece murmurando as canções de orgia de Tieck, que musica mais bella que o alarido da saturnalia? Quando as nuvens correm negras no céu como um bando de corvos errantes, e a lua desmaia como a luz de uma lampada sobre a alvura de uma belleza que dorme, que melhor noite que a passada ao reflexo das taças?

— És um louco, Bertram! não é a lua que lá vai macilenta: é o relampago que passa e ri de escarneo ás agonias do povo que morre, aos soluços que seguem as mortualhas do cholera!

— O cholera! e que importa? Não ha por ora vida bastante nas veias do homem? não borbulha a febre ainda ás ondas do vinho? não reluz em todo o seu fogo a lampada da vida na lanterna do craneo?

— Vinho! vinho! não vês que as taças estão vazias e bebemos o vácuo, como um somnambulo?

— É o Fichtismo na embriaguez! espiritualista, bebe a imaterialidade da embriaguez!

— Oh! vazio! meu copo está vazio! Olá taverneira, não vês que as garrafas estão esgotadas? Não sabes, desgraçada, que os lábios da garrafa são como os da mulher: só valem beijos enquanto o fogo do vinho ou o fogo do amor os horrifica de lava?

— O vinho acabou-se nos copos, Bertram, mas o fumo ondula ainda nos cachimbos! Após dos vapores do vinho os vapores da fumaça! Senhores, em nome de todas as nossas reminiscências, de todos os nossos sonhos que mentirão, de todas as nossas esperanças que desbotarão, uma ultima saúde! A taverneira ahí nos trouxe mais vinho: uma saúde! O fumo é a imagem do idealismo, é o transumpto de tudo quanto ha mais vaporoso naquelle espiritualismo que nos falla da immortalidade de alma! e pois, ao fumo das Antilhas, á immortalidade da alma!

— Bravo! bravo!

Um *urrah!* triplice respondeu ao moço meio ebrio.

Um conviva se ergueu entre a vozeria: contrastavão-lhe com as faces de moço as rugas da frente e a rouxidão dos lábios convulsos. Por entre os cabellos prateava-se-lhe o reflexo das luzes do festim. Fallou:

— Calai-vos, malditos! a immortalidade de alma! pobres doudos! e porque a alma é bella, porque não concebeis que esse ideal possa tornar-se em lodo e podridão, como as faces bellas da virgem morta, não podeis crêr que elle morra? Doudos! nunca velada levastes por ventura uma noite á cabeceira de um cadaver? E então não duvidastes que elle não era morto, que aquelle peito e aquella frente ião palpitar de novo, aquellas palpebras ião abrir-se, que era apenas o opio do somno que emmudecia aquelle homem? Immortalidade da alma! e porque tambem não sonhar a das flores, a das brisas, a dos perfumes? Oh! não mil vezes! a alma não é, como a lua, sempre moça, núa e bella em sua virgindade eterna! a vida não é mais que a reunião ao acaso das moleculas attrahidas: o que era um corpo de mulher vai por ventura transformar-se n'um cipreste ou n'uma nuvem de miasmas: o que era um corpo do verme vai alvejar-se no calice da flôr ou na frente da criança mais loura e bella: como Schiller o disse, o atomo da intelligencia de Platão foi talvez para o coração de um ser impuro. Por isso eu vo-lo direi: se entendeis a immortalidade pela metempsychose, bem! talvez eu a creia um pouco; pelo Platonismo, não!

— Solfieri! és um insensato! o materialismo é arido como o deserto, é escuro como um tumulo! A nós fronte queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós sobre cuja cabeça a veihice regelou os cabellos, essas crenças frias? A nós os sonhos do espiritualismo.

— Archibald! devéras, que é um sonho tudo isso! No outro tempo o sonho da minha cabeceira era o espirito puro ajoelhado no seu manto argenteo, n'um oceano de aromas e luzes! Illuzões! a realidade é a febre do libertino, a taça na mão, a

Inmuvia nos labios e a mulher semi-núa tremula e palpitante sobre os joelhos.

- Blasphemia! e não crês em mais nada? teu scepticismo derribou todas as estatuas do teu templo, mesmo a de Deus?

- Deus! crêr em Deus! sim como o grito intimo o revela nas horas frias do medo — nas horas em que se tiritia de susto e que a morte parece roçar humida por nós! Na jangada do naufrago, no cadafalso, no deserto — sempre banhado do suor frio do terror é que vem a crença em Deus! — Crêr nelle como a utopia do bem absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem! Mas, se entendeis por elle os idolos que os homens arguêrão banhados de sangue, e o fanatismo beija em sua inanimação de marmore de ha cinco mil annos — não creio nelle!

- E os livros santos?

- Miséria! quando me vierdes fallar em poesia eu vos direi: ahí ha folhas inspiradas pela natureza ardente daquella terra como nem Homero as sonhou — como a humanidade inteira ajoelhada sobre os tumulos do passado mais nunca lembrará! Mas, quando me fallarem em verdades religiosas, em visões santas, nos desvarios daquelle povo estúpido, eu vos direi — miséria! miséria! tres vezes miséria! Tudo aquillo é falso: mentirão como as miragens do deserto!

- Estás ebrio, Johann! O atheismo é a insanía como o idealismo mystico de Schelling, o pantheismo de Spinoza o judeo, e o esterismo crente de Malebranche nos seus sonhos da visão em Deus. A verdadeira philosophia é o epicurismo. Hume bem o disse: o fim do homem é o prazer. Dahi vêde que é o elemento sensível quem domina. E pois ergamo-nos, nós que amarellecemos nas noites desbotadas de estudo lusano, e vimos que a sciencia é falsa e esquiva, que ella mente e embriaga como um beijo de mulher.

- Bem! muito bem! é um *toast* de respeito!

- Quero que todos se levantem, e com a cabeça descoberta digão-no: Ao Deus Pan da natureza, aquelle que a antiguidade chamou Baccho, o filho das côxas de um Deus e do amor de uma mulher, e que nós chamamos melhor pelo seu nome — o vinho.

- Ao vinho! ao vinho!

Os copos cahirão vazios na mesa.

- Agora ouvi-me, senhores! entre uma saude e uma haforada de fumaça, quando as cabeças queimão e os cotovelos se estendem na toalha molhada de vinho, como os braços do carnicheiro no cepo gottejante, o que nos cabe é uma historia sanguinolenta, um daquelles contos fantasticos — como Hoffmann os delirava ao clarão dourado do Johannisberg!

- Uma historia medonha, não, Archibald? fallou um moço pallido que a esse reclamo erguêra a cabeça amarellenta. Pois bem, dir-vos-hei uma historia. Mas quanto a essa, podeis tremer a gosto, podeis suar a frio da fronte grossas bagas de terror. Não é um conto, é uma lembrança do passado.

- Solferi! Solferi! ahí vens com teus sonhos!

— Conta!
 Solferi fallou: os mais fizeram silencio.

II

SOLFIERI

... Yet one kiss on your pale clay
 And those lips once so warm. — my heart! my heart.
 BYRON, *Cain*.

Sabeis-lo. Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: na alcova do sacerdote dorme a gosto a amázia, no leito da vendida se pendura o Crucifixo livido. É um requintar de gôzo blasphemo que mescla o sacrilegio á convulsão do amor, o beijo lascivo á embriaguez da crença!

Era em Roma. Uma noite a lua ia bella como vai ella no verão por aquelle céo morto, o fresco das aguas se exhalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bella. — Eu passeava a sós pela ponte de... As luzes se apagarão uma por uma nos palacios, as ruas se fazião ermas, e a lua de somnolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher appareceu n'uma janella solitaria e escura. Era uma fórma branca. — A face daquella mulher era como de uma estatua pallida á lua. Pelas faces della, como gottas de uma taça cahida, rolavão fios de lagrimas.

Eu me encostei á aresta de um palacio. — A visão desappareceu no escuro da janella, e dahi um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa; havia naquelle cantar um como choro de phrenesi, um como gemer de insania: aquella voz era sombria como a do vento á noite nos cemiterios cantando a nenia das flôres murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher appareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguem nas ruas. Não viu ninguem — sahiu. Eu segui-a.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céo, e a chuva cahia ás gottas pesadas: apenas eu sentia nas faces cahirem-me grossas lagrimas de agua, como sobre um tumulto prantos de orphão.

Andámos longo tempo pelo labyrintho das ruas: emfim ella parou: estavamos n'um campo.

Aqui — ali — além erão cruces que se erguião de entre o hervaçal. Ella ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno della passavão as aves da noite.

Não sei se adormeci: sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemiterio. Comtudo a creatura pallida não fóra uma illusão — as urzes, as cicutas do campo santo estavão quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquelle somno dormido á chuva, causarão-me uma febre. No meu delirio passava e repassava aquella brancura de mulher, gemião aquelles soluços, e todo aquelle devanço se perdia n'um canto suavissimo...

Um anno depois voltei a Roma. Nos beijos das mulheres nada me saciava; no somno da saciedade me vinha aquella vulto...

Uma noite, e após uma orgia, eu deixára dormida no leito della a condessa Barbara. Dei um ultimo olhar áquella fórma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascivia nos labios humidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. — Sahi. — Não sei se a noite era limpida ou negra; ou apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vazias na mesa: aos labios daquella creatura eu bebêra até a ultima gota o vinho do leite...

Quando dei accôrdo de mim estava n'um lugar escuro: as antellas passavão seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro cirios batião n'um caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquelle branco da mortallia, as grinaldas da morte na frente della, naquella téz lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... era uma defunta; e aquelles traços todos me lembrarão uma idéa perdida... — Era o anjo do cemiterio! — Cerrei as portas da igreja, que, ignoro porque, eu achára abertas. Tomei o cadaver nos meus braços para fóra do caixão. Pesava como chumbo...

Sabeis a historia de Maria Stuart degollada e do algoz, « do cadaver sem cabeça e do homem sem coração » como a conta Brantôme? — Foi uma idéa singular a que eu tive. Tomei-a no collo. Preguei-lhe mil beijos nos labios. Ella era bella assim: rasguei-lhe o sudario, despi-lhe o véo e a capella como o noivo os despe á noiva. Era mesmo uma estatua: tão branca era ella. A luz dos tocheiros dava-lhe aquella pallidéz de umbar que lustra os marmores antigos. O gozo foi fervoroso — ceciei em perdição aquella vigilia. A madrugada passava já frouxa nas janellas. Aquelle calor de meu peito, á febre de meus labios, á convulsão de meu amor, a donzella pallida parecia reunir-se. Subito abriu os olhos empanados. — Luz sombria allumiou-os como a de uma estrella entre névoa — apertou-me em seus braços — um suspiro ondeou-lhe nos labios azulados... Não era já a morte — era um desmaio. No aperto daquelle abraço havia comtudo alguma cousa de horrivel. O leito de lãea onde eu passára uma hora de embriaguez me resfriava. Pude a custo soltar-me daquelle aperto do peito della... Nesse instante ella acordou...

Nunca ouvistes fallar da catalepsia? É um pesadello horrivel aquelle que gyra ao acordado que emparedão n'um sepulchro; nonho gelado em que sentem-se os membros tolhidos, e as faces banhadas de lagrimas alheias sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar desmaiára. Embucei-me na capa e tomei-a nos braços coberta com seu

sudario como uma criança. Ao approximar-me da porta topei n'um corpo : abaixei-me ; olhei : era algum coveiro do cemiterio da igreja que ahi dormira de ebrio esquecido de fechar a porta...

Sahi. — Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

— Que levás ahi ?

A noite era muito alta — talvez me cressem um ladrão.

— É minha mulher que vai desmaiada....

— Uma mulher!... Mas essa roupa branca e longa? Serás acaso roubador de cadáveres?

Um guarda approximou-se. Tocou-lhe a fronte — era fria.

— É uma defunta...

Cheguei meus labios aos della. Senti um bajeio morno.

— Era a vida ainda.

— Vêde, disse eu.

O guarda chegou-lhe os labios : os beijos asperos roçarão pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo.... o punhal já estava n'um minhas mãos frias...

— Boa noite, moço : podes seguir, disse elle.

Caminhei. — Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo — e eu sentia que a moça ia despertar. Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem-me, corri com mais esforço...

Quando eu passei a porta ella acordou. O primeiro som que lhe sahiu da bocca foi um grito de medo...

Mal eu fechára a porta, baterão nella. Era um bando de libertinos meus companheiros que voltavão da orgia. — Reclamárão que abrisse.

Fechei a moça no meu quarto, e abri.

Meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda. A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausencia.

Quando entrei no quarto da moça vi-a erguida. Ria de um rir convulso como a insania, e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dôr o ouvi-la.

Dous dias e duas noites levou ella de febre assim... Não houve sanar-lhe aquelle delirio, nem o rir do phrenesi. — Morreu depois de duas noites e dous dias de delirio.

A noite sahi ; fui ter com um estatuario que trabalhava perfeitamente em cêra, e paguei-lhe uma estatua dessa virgem.

Quando o esculptor sahi, levantei os tijolos de marmore de meu quarto, e com as mãos cavei ahi um tumulo. — Tomei-a então pela ultima vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do somno eterno com o lençol de seu leito. Fechei a no seu tumulo e estendi meu leito sobre elle.

Um anno — noite a noite — dormi sobre as lages que a cobrião... Um dia o estatuario me trouxe a sua obra. — Paguei-lh'a e paguei o segredo...

Não te lembras, Bertram, de uma fórmula branca de mulher que entrevistes pelo véo do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

— E quem era essa mulher, Solfieri?

— Quem era? seu nome?

— Quem se importa com uma palavra quando sente que o vinho queima assaz os lábios? quem pergunta o nome de prostituta com quem dormia, e que sentia morrer a seus beijos, quando nem ha delle mister por escrever-lh'o na lousa?

Solfieri encheu uma taça. — Bebeu-a. — Ia erguer-se da mesa quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

— Solfieri, não é um conto isso tudo?

— Pelo inferno que não! por meu pai que era conde e bandido, por minha mãe que era a bella Messalina das ruas, pela perdição que não! Desde que eu proprio calquei aquella mulher com meus pés na sua cova de terra — eu vo-lo juro — guardei-lhe como amuleto a capella de defunta. Ei-la!

Abriu a camisa, e virão-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas.

— Vêdes-la? murcha e sêcca como o craneo della!

III

BERTRAM

But why should I for others groan
When none will sigh for me?

Childe Harold, I.

Um outro conviva se levantou.

Era uma cabeça ruiva, uma têt branca, uma daquellas creaturas phlegmaticas que não hesitarão ao tropeçar n'um cadaver, para ter mão de um fim.

Esvasiou o copo cheio de vinho, e com a barba nas mãos alvas, com os olhos de verde-mar fixos fallou:

— Sabeis, uma mulher levou-me a perdição. Foi ella quem me queimou a fronte nas orgias, e desbotou-me os lábios no ardor dos vinhos e na molleza de seus beijos: quem me fez devassar pallido as longas noites de insomnia nas mesas do jogo, e na doudice dos abraços convulsos com que ella me apertava o seio! Foi ella, vós o sabeis, quem fez-me n'um dia ter tres duellos com meus tres melhores amigos, abrir tres tumulos áquelles que mais me amavão na vida — e depois, depois sentir-me só e abandonado no mundo, como a infanticida que matou o seu filho, ou aquelle Mouro infeliz junto á sua Desdemona pallida!

Pois bem, vou contar-vos uma historia que começa pela lembrança desta mulher...

Havia em Cadiz uma donzella — linda daquelle moreno das Andalusas que não ha vê-las sob as franjas de mantilha asselinada, com as plantas mimosas, as mãos de alabastro, os olhos

que brilhão, e os lábios de rosa d'Alexandria — sem delirar sonhos dellas por longas noites ardentes!

Andalusas! sois muito bellas! se o vinho, se as noites de vossa terra, o luar de vossas noites, vossas flôres, vossos perfumes são doces, são puros, são embriagadores, vós ainda o sois mais! Oh! por esse eivar a eito de gozos de uma existencia fogosa nunca pude esquecer-vos!

Senhores! ahi temos vinho d'Hespanha, enchei os copos — á saude das Hespanholas!...

Amei muito essa moça, chamava-se Angela. Quando eu estava decidido a casar-me com ella; quando após das longas noites perdidas ao relento a espreitar-lhe da sombra um aceno, um adeus, uma flôr, quando apoz tanto desejo e tanta esperanza eu sorvi-lhe o primeiro beijo — tive de partir da Hespanha para Dinamarca onde me chamava meu pai.

Foi uma noite de soluços e lagrimas, de choros e de esperanças, de beijos e promessas, de amor, de voluptuosidade no presente e de sonhos no futuro..... Parti. Dous annos depois foi que voltei. Quando entrei na casa de meu pai, elle estava moribundo: ajoelhou-se no seu leito e agradeceu a Deus ainda ver-me: pôz as mãos na minha cabeça, banhou-me a fronte de lagrimas — erão as ultimas — depois deixou-se cahir, pôz as mãos no peito, e com os olhos em mim murmurou — Deus!

A voz suffocou-se-lhe na garganta: todos choravão.

Eu tambem chorava — mas era de saudades de Angela...

Logo que pude reduzir minha fortuna a dinheiro puz-la no banco de Hamburgo, e parti para a Hespanha.

Quando voltei, Angela estava casada, e tinha um filho...

Comtudo meu amor não morreu! Nem o della!

Muito ardentes forão aquellas horas de amor e de lagrimas, de saudades e beijos, de sonhos e maldições, para nos esquecermos um do outro.

Uma noite, dous vultos alvejavão nas sombras de um jardim, as folhas tremião ao ondear de um vestido, as brisas soluçavão aos soluços de dous amantes, e o perfume das violetas que elles pisavão, das rosas e madresilvas que abrião em torno dellas, era ainda mais doce perdido no perfume dos cabellos soltos de uma mulher...

Essa noite — foi uma loucura! forão poucas horas de sonhos de fogo! e quão breve passárão! Depois dessa noite seguiu-se outra, outra... e muitas noites as folhas susurravão ao roçar de um passo mysterioso, e o vento se embriagou de deleite nas nossas fronte pallidas...

Mas um dia o marido soube tudo: quiz representar de Othello com ella. Doudo!...

Era alta noite: eu esperava ver passar nas cortinas brancas a sombra do anjo. Quando passei, uma voz chamou-me. Entrei. — Angela com os pés nús, o vestido solto, o cabello desgrehado e os olhos ardentes tomou-me pela mão... Senti-lhe a

mão húmida... Era escura a escada que subimos : passei a minha mão, molhada pela della, por meus labios. — Tinha muito de sangue.

Sangue, Angela ! De quem é esse sangue !

A Hespanhola sacudiu seus longos cabellos negros e rio-se.

Entrámos n'uma sala. Ella foi buscar uma luz, e deixou-me no escuro.

Procurei, tacteando, um lugar para assentar-me : toquei n'uma mesa. Mas ao passar-lhe a mão senti-a banhada de humidade : além senti uma cabeça fria como neve e molhada de um liquido espesso e meio coagulado. Era sangue...

Quando Angela veio com a luz, eu vi... era horrivel. O marido estava degollado.

Era uma estatua de gesso lavada em sangue... Sobre o peito do assassinado estava uma criança de brucos. Ella ergueu-a pelos cabellos... Estava morta tambem : o sangue que corria das vêas rotas de seu peito se misturava com o do pai !

— Vês, Bertram, esse era meu presente : agora será, negro embora, um sonho do meu passado. Sou tua, e tua só. Foi por ti que tive força bastante para tanto crime.... Vem, tudo está prompto, fujamos. A nós o futuro !

Foi uma vida insana a minha com aquella mulher ! Era um viajar sem fim. Angela vestira-se de homem : era um formoso mancebo assim. No demais ella era como todos os moços libertinos que nas mesas da orgia batião com a taça na taça della. — Bebia já como uma Ingleza, fumava como uma sultana, montava a cavallo como um Arabe, e atirava as armas como um Hespanhol.

Quando o vapor dos licôres me ardia a frente, ella m'a repousava em seus joelhos, tomava um bandolim e me cantava as modas de sua terra...

Nossos dias erão lançados ao somno como perolas ao amor : nossas noites sim erão bellas !

Um dia ella partiu : partiu, mais deixou-me os labios ainda queimados dos seus, e o coração cheio do germen de vicios que ella ali lançára. Partiu ; mas sua lembrança ficou como o fantasma de um mão anjo perto de meu leito.

Quiz esquecê-la no jogo, nas hebidas, na paixão dos duellos. Tornei-me um ladrão nas cartas, um homem perdido por mulheres e orgias, um espadachim terrivel e sem coração.

Uma noite eu cahira ebrio as portas de um palacio ; os cavallos de uma carruagem pisárão-me ao passar e partirão-me a cabeça de encontro á lagea. Acudirão-me desse palacio. Depois amárão-me : a familia era um nobre velho viuvo e uma belleza peregrina de 18 annos. Não era amor de certo o que eu sentia por ella — não sei o que foi — era uma fatalidade infernal. A pobre innocente amou-me ; e eu recebido como o hospede de Deus sob o tecto do velho fidalgo, deshonrei-lhe a

filha, roubei-a, fugi com ella... E o velho teve de chorar suas cans manchadas na deshonra de sua filha, sem poder vingar-se.

Depois enjoei-me dessa mulher. — A saciedade é um tédio terrível. — Uma noite que eu jogava com Siegfried o pirata, depois de perder as ultimas joias della, vendi-a.

A moça envenenou Siegfried logo na primeira noite, e afogou-se...

Eis-ahi quem eu sou : se quizesse contar-vos longas historias do meu viver, vossas vigílias correrião breves de mais...

Um dia — era na Italia — saciado de vinho e mulheres, eu ia suicidar-me. A noite era escura e eu chegára só na praia. Subi um rochedo : dahi minha ultima voz foi uma blasphemia, meu ultimo adeus uma maldição... *meu ultimo*, digo mal; porque senti-me erguido nas aguas pelo cabello.

Então na vertigem do afôgo o anhelô da vida acordou-se em mim. A principio tinha sido uma cegueira, uma nuvem ante meus olhos, como aos daquelle que labuta nas trevas. A sêde da vida veio ardente : apertei aquelle que me soccorria : fiz tanto, em uma palavra, que, sem querê-lo, matei-o. Cansado do esforço desmaiei...

Quando recobrei os sentidos estava n'um escaler de marinheiros que remavão mar em fóra. Ahi soube eu que meu salvador tinha morrido afogado por minha culpa. Era uma sina, e negra; e por isso ri-me : ri-me emquanto os filhos do mar choravão.

Chegamos a uma corveta que estava erguendo ancora.

O commandante era um bello homem. Pelas faces vermelhas cahião-lhe os crespos louros onde a velhice alvejava algumas cans.

Elle perguntou-me :

— Quem és ?

— Um desgraçado que não pôde viver na terra, e não deixá rão morrer no mar.

— Queres pois vir a bordo ?

— A menos que não prefiraes atirar-me ao mar.

— Não o farias : tens uma bella figura. Levar-te-hei comigo. — Servirás...

— Servir ! — e ri-me : depois respondi-lhe frio : deixai que me atire ao mar...

— Não queres servir ? queres então viajar de braços cruzados ?

— Não : quando fôr a hora da manobra dormirei ; mas quando vier a hora do combate ninguem será mais valente do que eu.

— Muito bem : gosto de ti, disse o velho lobo do mar. Agora que estamos conhecidos dize-me teu nome e tua historia.

— Meu nome é Bertram. Minha historia ? escutai : o passado é um tumulo : perguntai ao sepulchro a historia do cadaver ! elle guarda o segredo... dir-vos-ha apenas que tem no seio um

corpo que se corrompe! lereis sobre a lousa um nome — e não mais!

O commandante franziu as sobranceiras, e passou adiante para commandar a manobra.

O commandante trazia a bordo uma bella moça. Criatura pallida parecêra a um poeta o anjo da esperanza adormecendo enquecido entre as ondas. Os marinheiros a respeitavão : quando pelas noites de lua ella repousava o braço na amurada e a face na mão, aquelles que passavão junto della se descobrião respeitosos. Nunca ninguem lhe vira olhares de orgulho, nem lhe ouvira palavras de colera : era uma santa.

Era a mulher do commandante.

Entre aquelle homem brutal e valente, rei bravio no alto mar, esposado, como os Doges de Veneza ao Adriatico, á sua garrida corveta — entre aquelle homem pois e aquella madona havia um amor de homem como o palpita o peito que longas noites abriu-se ás luas do oceano solitario, que adormeceu pensando nella ao frio das vagas e ao calor dos tropicos, que pensou nas horas de quarto, alta noite na amurada do navio, lembrando-a nos nevoeiros da cerração, nas nuvens da tarde... Pobres doudos! parece que esses homens amão muito! A bordo ouvi a muitos marinheiros seus amores singelos : erão moças louras da Bretanha e da Normandia, ou alguma Hespanhola de cabellos negros vista ao passar — sentada na praia com sua cesta de flôres — ou adormecidas entre os laranjeas cheirosos — ou dançando o fandango lascivo nos banhos ao ralento! Houve-as junto a mim muitas faces asperas e tostadas ao sol do mar que se banhãrão de lagrimas...

Voltemos á historia : — O commandante a estremecia como um louco — um pouco menos que a sua honra, um pouco mais que sua corveta.

E ella — ella no meio de sua melancolia, de sua tristeza e sua pallidez — ella sorria ás vezes quando scismava sósinha; mas era um sorrir tão triste que doía. Coitada!

Um poeta a amaria de joelhos. Uma noite — de certo eu estava ebrio — fiz-lhe uns versos. Na languida poesia eu derramára uma essencia preciosa e limpida que ainda não se poluira no mundo...

Bofé que chorei quando fiz esses versos. Um dia, mezes depois, li-os, ri-me delles e de mim e atirei-os ao mar... Era a ultima folha da minha virgindade que lançava ao esquecimento...

Agora, enchei os copos — o que vou dizer-vos é negro : é uma lembrança horrivel, como os pesadelos no Oceano.

Com suas lagrimas, com seus sorrisos, com seus olhos humidos, e os seios entumecidos de suspiros, aquella mulher me enlouquecia as noites. Era como uma vida nova que nascia cheia de desejos, quando eu cria que todos elles erão mortos como crianças afogadas em sangue ao nascer.

Amei-a : porque dizer-vos mais ? Ella amou-me tambem. Uma vez a luz ia limpida e serena sobre as aguas — as nuvens

erão brancas como um véo recamado de perolas da noite — o vento cantava nas cordas. Bebi-lhe na pureza desse luar, ao fresco dessa noite mil beijos nas faces molhadas de lágrimas, como se bebe orvalho de um lyrio cheio. Aquelle seio palpitante, o contorno assetinado apertei-os sobre mim...

O commandante dormia.

Uma vez ao madrugada o gageiro assignalou um navio. Meia hora depois desconfiou que era um pirata...

Chegavamos cada vez mais perto. Um tiro de polvora secca da corveta reclamou a bandeira. Não responderão. Deu-se segundo — nada. Então um tiro de bala foi cahir nas aguas do barco desconhecido como uma luva de duello. O barco que até então tinha seguido rumo opposto ao nosso, e vinha prá contra nossa práa, virou de bordo e apresentou-nos seu flanco enfumaçado: um relampago correu nas baterias do pirata — um estrondo seguio-se — e uma nuvem de balas veio morrer perto da corveta.

Ella não dormia, virou de bordo: os navios ficarão lado a lado — A descarga do navio de guerra o pirata estremeceu como se quizesse ir a pique.

O pirata fugia: a corveta deu-lhe caça: as descargas trocárão-se então mais fortes de ambos os lados.

Emfim o pirata pareceu ceder. Atracárão-se os dous navios como para uma luta. A corveta vomitou sua gente a bordo do inimigo. O combate tornou-se sanguento — era um matadouro: o chão do navio escorregava de tanto sangue: o mar anciava cheio de escumas ao boiar de tantos cadaveres. Nesta occasião sentiu-se uma fumaça que subia do porão. O pirata déra fogo ás polvoras... Apenas a corveta por uma manobra atrevida pôde afastar-se do perigo. Mas a explosão fez-lhe grandes estragos. Alguns minutos depois o barco do pirata vóou pelos ares. Era uma scena pavorosa ver entre aquella fogueira de chamas, ao estrondo da polvora, ao reverberar deslumbrador do fogo nas aguas, os homens arrojados ao ar irem cahir no oceano.

Uns a meio queimados se atiravão á agua, outros com os membros esfolados e a pelle a despegar-se-lhes do corpo nada-vão ainda entre dôres horriveis e morrião torcendo-se em maldições.

A uma legua da scena do combate havia uma praia bravía, cortada de rochedos... Ahi se salvárão os piratas que pudérão fugir.

E nesse tempo, enquanto o commandante se batia como um bravo, eu o deshonrava como um cobarde.

Não sei como se passou o tempo todo que decorreu depois. Foi uma visão de gozos malditos — erão os amores de Satan e de Eloa, da morte e da vida — n'um leito do mar.

Quando acordei um dia desse sonho, o navio tinha encalhado n'um banco de areia: o ranger da quilha a morder na areia gelou a todos — meu despertar foi a um grito de agonia...

Olá, mulher, taverneira maldita, não vês que o vinho acabou-se ?

Depois foi um quadro horrível ! Eramos nós n'uma jangada no meio do mar. Vos que lestes o *Don Juan*, que fizestes talvez daquelle veneno a vossa Biblia, que dormistes as noites da mocidade, como eu, com a face sobre elle, e com os olhos ainda fitos nelle tantas vez amanhecer — sabeis quanto me cõa de horror áquelles homens atirados ao mar, n'um mar nem horizonte, ao balouço das aguas, que parecem suffocar nem escarneo na nudez fria de uma fatalidade!

Uma noite, a tempestade veio — apenas houve tempo de amarrar nossas munições... Fôra mistér ver o Oceano bramindo no escuro como um bando de leões com fome, para saber o que é a borrasca — fôra mistér vê-la de uma jangada á luz da tempestade, ás blâsphemias dos que não crêm e maldizem, ás lagrimas dos que esperavão e desesperão, aos soluços dos que tremem e tiritão de susto como aquelle que bate á porta do nada... E eu, eu ria : era como o genio do scepticismo naquelle deserto. Cada vaga que varria nossas taboas descobridas arrastava um homem — mas cada vaga que me rugia aos pés parecia respeitar-me. Era um Oceano como aquelle de fogo onde cahirão os anjos perdidos de Milton o cego ; quando elles passavão cortando-as a nado, as aguas do pantano de lava se apertavão : a morte era para os filhos de Deus — não para o bastardo do mal!

Toda aquella noite passei-a com a mulher do commandante nos braços. Era um hymeneo terrível aquelle que se consummava entre um descreído e uma mulher pallida que enlouquecia : o thalamo era o Oceano, a escuma das vagas era a seda que nos alcatifava o leito. Em meio daquelle concerto de uivos que nos ia ao pé, os gemidos nos suffocavão : e nós rolavamos abraçados — atados a um cabo da jangada — por sobre as taboas...

Quando a aurora veio, restavamos cinco : eu, a mulher do commandante, elle e dous marinheiros...

Alguns dias comemos umas bolachas repassadas da salsugem da agua do mar. Depois tudo o que houve de mais horrível se passou...

Porque empallidéces, Solferi? a vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? é a escuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia : alguma cousa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulchro! O que é a existencia? Na mocidade é o kaleidoscopio das illusões : vive-se então da seiba do futuro. Depois envelhecemos : quando chegamos aos trinta annos, e o suor das agonias nos grisalhou os cabellos antes de tempo, e murcharão como nossas faces as nossas esperanças, oscillamos entre o passado visionario, e tudo *amanhã* do velho, gelado e ermo — depois como um cadaver que se banha antes de dar á sepultura! Miséria! loucura!

-- Muito bem! miséria e loucura! interrompeu uma voz.

O homem que fallára era um velho. A fronte se lhe descálvára, e longas e fundas rugas a sulcavão — erão as ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida... Sob espessas sobranceiras grisalhas lampejavão-lhe olhos pardos e um espesso bigode lhe cobria parte dos labios. Trazia um gibão negro e rôto, e um manto desbotado, da mesma côr, lhe cahia dos hombros.

— Quem és, velho ? perguntou o narrador.

— Passava lá fóra : a chuva cahia a cantaros : a tempestade era medonha : entrei. Boa noite, senhores ! se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até as bordas e beberei comvosco.

— Quem és ?

— Quem eu sou ? na verdade fóra difficil dizê-lo : corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. — Fui poeta e como poeta cantei. Fui soldado, banhei minha fronte juvenil nos ultimos raios, de sol da aguia de Waterloo. Apertei ao fogo da batalha a mão do homem do seculo. Bebi n'uma taverna com Bocage o Portuguez ; ajoelhei-me na Italia sobre o tumulo de Dante ; e fui á Grecia para sonhar como Byron naquelle tumulo das glorias do passado. — Quem eu sou ? Fui um poeta aos vinte annos, um libertino aos trinta ; sou um vagabundo sem patria e sem crenças aos quarenta. Sentei-me á sombra de todos os sóes, beijei labios de mulheres de todos os paizes : e de todo esse peregrinar só trouxe duas lembranças — um amor de mulher que morreu nos meus braços na primeira noite de embriaguez e de febre — e uma agonia de poeta... Della, tenho uma rosa murcha e a fita que prendia seus cabellos, Delle olhai...

O velho tirou de um bolso um embrulho : era um lenço vermelho o involucro : desatárão-no — dentro estava uma caveira.

— Uma caveira ! gritárão em torno ; és um profanador do sepulturas ?

— Olha, moço, se entendes a sciencia de Gall e Spurzheim, diz-me pela protuberancia dessa fronte, e pelas bossas dessa cabeça quem podia ser esse homem ?

— Talvez um poeta — talvez um louco.

— Muito bem ! adivinhaste. Só erraste não dizendo que talvez ambas as cousas a um tempo. Seneca o disse — a poesia é a insania. Talvez o genio seja uma hallucinação, o o entusiasmo precise da embriaguez para escrever o hymno sanguinario e fervoroso de Rouget de l'Isle, ou para, na criação do painel medonho do Christo morto de Holbein, estudar a corrupção no cadaver. Na vida mysteriosa de Dante, nas orgias de Marlowe, no peregrinar de Byron havia uma sombra da doença do Hamleto : quem sabe ?

— Mas a que vem tudo isso ?

— Não bradastes — miseria e loucura ! — vós, almas onde talvez borbulhava o sopro de Deus, cerebros que a luz divina do genio esclarecia, e que o vinho enchia de vapores, e a sacio-

dado d'escarneos? Enchei as taças até a borda! enchei-as e bebei; bebei á lembrança do cerebro que ardeu nesse craneo, da alma que ahí habitou, do poeta — louco — Werner! e eu bradarei ainda uma vez: — miseria e loucura!

O velho esvaziou o copo, embuçou-se e sahiu, Bertram continuou a sua historia.

— Eu vos dizia que ia passar-se uma cousa horrivel: não haviaão mais alimentos, e no homem despertava a voz do instincto, das entranhas que tinham fome, que pedião seu cévo como o cão do matadouro, fosse embora sangue.

A fome! a sêde!..... tudo quanto ha de mais horrivel!...

Na verdade, senhores, o homem é uma creatura perfeita! Estatuario sublime, Deus esgotou no talhar desse marmore todo o seu esmero. Prometheu divino encheu-lhe o craneo protuberante da luz do genio. Ergueu-o pela mão, mostrou-lhe o mundo do alto da montanha, como Satan quarenta seculos depois o fez a Christo, e disse-lhe: Vê, tudo isso é bello — valles e montes, aguas do mar que espumão, folhas das florestas que tremem e susurrão como as azas dos meus anjos — tudo isso é teu. Fiz-te o mundo bello no véo purpureo do crepusculo, dourei-t'o aos raios de minha face. Ei-lo, rei da terra! banha a fronte olympica nessas brisas, nesse orvalho, na escuma dessas cataractas. Sonha como a noite, canta como os anjos, dorme entre as flôres! Olha! entre as folhas floridas do valle dorme uma creatura branca como o véo das minhas virgens, loura como o reflexo das minhas nuvens, harmoniosa como as aragens do céo nos arvoredos da terra. — É tua: acorda-a: ama-a, e ella te amarã; no seio della, nas ondas daquelle cabello, afoga-te como o sol entre vapores. Rei no peito della, rei na terra, vive de amor e crença, de poesia e de belleza, levanta-te, vai e serás feliz!

Tudo isso é bello, sim; mas é a ironia mais amarga, a decepção mais árida de todas as ironias e de todas as decepções. Tudo isso se apaga adiante de dous factos muito prosaicos — a fome e a sêde.

O genio, a aguia ativa que se perde nas nuvens; que se aquenta no effluvio da luz mais ardente do sol — cahir assim com as azas torpes e verminosas no lôdo das charneças? Poeta, porque no meio do arroubo mais sublime do espirito, uma voz sarcastica e mephistophelica te brada — meu Faust — illumos! a realidade é a materia: Deus escreveu 'Ανάγκη — na fronte de sua creatura! — Don Juan! porque choras? a esse beijo morno de Haydéa que desmaia-te nos braços? a prostituta vender-t'os-ha amanhã mais queimadores!... Miséria!..... É dizer que tudo o que ha de mais divino no homem, de mais natio e perfumado na alma se infunda no lôdo da realidade, se revolve no charco e acha ainda uma convulsão infame para dizer — sou feliz!.....

Isso tudo, senhores, para dizer-vos uma causa muito simples... um facto velho e batido, uma pratica do mar, uma lei do naufragio — a anthropophagia.

Dous dias depois de acabados os alimentos restavam tres pessoas . eu, o commandante e ella — erão tres figuras macilentas como o cadaver, cujos peitos nús arquejavão como a agonia, cujos oihares fundos e sombrios se injectavão de sangue como a loucura.

O uso do mar — não quero dizer a voz da natureza physica, o brado do egoismo do homem — manda a morte de um para a vida de todos. Tirámos á sorte — o commandante teve por lei morrer.

Então o instincto de vida se lhe despertou ainda. Por um dia mais de existencia, mais um dia de fome e sêde, de leito humido e varrido pelos ventos frios do norte, mais umas horas mortas de blasphemia e de agonia, de esperança e desespero, de orações e descrença, de febre e de ancia, o homem ajoelhou-se, chorou, gemeu a meus pés...

— Olhai, dizia o miseravel, esperemos até amanhã... Deus terá compaixão de nós... Por vossa mãe, pelas entranhas de vossa mãe! por Deus se elle existe! deixai, deixai-me ainda viver!

Oh! a esperança é pois como uma parasita que morde e despedaça o tronco, mas quando elle cahe, quando morre e apodrece ainda o aperta em seus convulsos braços! Esperar! quando o vento do mar açouta as ondas, quando a escuma do Oceano vos lava o corpo livido e nú, quando o horizonte é deserto e sem termo, e as velas que branqueião ao longe parecem fugir! Pobre louco!

Eu ri-me do velho. — Tinha as entranhas em fogo. Morrer hoje, amanhã, ou depois — tudo me era indifferente, mas hoje eu tinha fome, e ri-me porque tinha fome.

O velho lembrou-me que me acolhêra a seu bordo, por piedade de mim — lembrou-me que me amava — e uma torrente de soluços e lagrimas afogava o bravo que nunca empallidecêra diante da morte.

Parece que a morte no Oceano é terrivel para os outros homens: quando o sangue lhes salpica as faces, lhes ensopa as mãos, correm á morte como um rio ao mar, como a cascavel ao fogo. Mas assim — no deserto — nas aguas — elles temem-na, tremem adiante dessa caveira fria da morte!

Eu ri-me porque tinha fome.

Então o homem ergueu-se. A furia se levantou nelle com a ultima agonia. Cambaleava, e um suor frio lhe corria no peito descarnado. Apertou-me nos seus braços amarellentos, e lutámos ambos corpo a corpo, peito a peito, pé por pé — por um dia de miseria!

A lua amarellada erguia sua face desbotada, como uma me-retriz cansada de uma noite de devassidão: do céu escuro parecia zombar desses dous moribundos que lutavão por um hora de agonia...

O valente do combate desfallecia — cahiu — puz-lhe o pé na garganta — suffoquei-o — e expirou...

Não cubrais o rosto com as mãos — farieis o mesmo... Aquelle cadaver foi nosso alimento dous dias...

Depois, as aves do mar já baixavão para partilhar minha presa; e ás minhas noites fastientas uma sombra vinha reclamar sua ração de carne humana...

Lancei os restos ao mar...

Eu e a mulher do commandante passámos um dia, dous, sem comer nem beber...

Então ella propoz-me morrer comigo. — Eu disse-lhe que não. Esse dia foi a ultima agonia do amor que nos queimava — gástrimo-lo em convulsões para sentir ainda o mel fresco da voluptuosidade banhar-nos os labios... Era o gozo febril que podem ter duas creaturas em delirio de morte. Quando soltei-me dos braços della, a fraqueza a fazia desvairar. O delirio tornava-se mais longo, mais longo: debruçava-se nas ondas e bebia a agua salgada, e offerecia-m'a nas mãos pallidas dizendo que era vinho. As gargalhadas frias vinhão mais de entuvia-da...

Estava louca.

Não dormi — não podia-dormir: uma modorra ardente me tervia as palpebras: o halito de meu peito parecia fogo: meus labios seccos e estalados apenas se orvalhavão de sangue.

Tinha febre no cerebro — e meu estomago tinha fome. Tinha fome como a fera.

Apertei-a nos meus braços, opprimi-lhe nos beiços a minha bocca em fogo: apertei-a convulsivo: suffoquei-a. Ella era ainda tão bella!

Não sei que delirio estranho se apoderou de mim. Uma vertigem me rodeava. O mar parecia rir de mim, e rodava em torno, escumante e esverdeado, como um sorvedouro. As nuvens pairavão correndo e parecião filtrar sangue negro. O vento que me passava nos cabellos murmurava uma lembrança...

De repente senti-me só. Uma onda me arrebatára o cadaver. Eu a vi boiar pallida como suas roupas brancas, semi-núa, com os cabellos banhados de agua: eu vi-a erguer-se na espuma das vagas, desapparecer, e boiar de novo: depois não a distingui mais — era como a espuma das vagas, como um leme lançado nas aguas.

Quantas horas, quantos dias passei naquella modorra, nem o sei... Quando acordei desse pesadelo de homem desperto, estava a bordo de um navio.

Era o brigue inglez *Swallow*, que me salvára...

Oh! taverneira, bastarda de Satan! não vês que tenho sede, e as garrufas estão seccas, seccas como tua face e como nossas gargantas?

IV

GENNARO

Mens en tue...

CORNEILLE

— Gennaro, dormes, ou embebes-te no sabor do ultimo trago do vinho, da ultima fumaça do teu cachimbo?

— Não : quando contavas tua historia, lembrava-me uma folha da vida, folha secca e avermelhada como as do outomno, e que o vento varreu.

— Uma historia ?

— Sim : é uma das minhas historias : sabes, Bertram, eu sou pintor, é uma lembrança triste essa que vou revelar, porque é a historia de um velho e de duas mulheres, bellas como duas visões de luz.

Godofredo Walsh era um desses velhos sublimes, em cujas cabeças as cans semelham o diadema prateado do genio. Velho já, casára em segundas nupcias com uma belleza de vinte annos. Godofredo era pintor : dizião uns que este casamento fôra um amor artistico por aquella belleza romana, como que feita ao molde das bellezas antigas ; outros crião-no compaixão pela pobre moça que vivia de servir de modelo. O facto é que elle a queria como filha, como Laura, a filha unica de seu primeiro casamento — Laura, corada como uma rosa, e loura como um anjo.

Eu era nesse tempo moço : era aprendiz de pintura em casa de Godofredo. Eu era lindo então ; que trinta annos lá vão, que ainda os cabellos e as faces me não haviam desbotado como nesses longos quarenta e dous annos de vida ! Eu era aquelle typo de mancebo ainda puro do resumbrar infantil, pensativo e melancolico como o Raphael se retratou no quadro da galleria Barberini. Eu tinha quasi a idade da mulher do mestre. —

Nauza tinha vinte, e eu tinha dezoito annos.

Amei-a ; mas meu amor era puro como meus sonhos de dezoito annos. Nauza tambem me amava : era um sentir tão puro ! era uma emoção solitaria e perfumosa como as primaveras cheias de flores e de brisas que nos embalavão aos côcos da Italia.

Como eu o disse — o mestre tinha uma filha chamada Laura. Era uma moça pallida, de cabellos castanhos e olhos azulados ; sua têt era branca, só ás vezes, quando o pojo a incendia, duas rosas lhe avermelhavão a face e se lhe destacavão no fundo de marmore. Laura parecia querer-me como a um irmão. Seus risos, seus beijos de criança de quinze annos erão só para mim. A noite, quando eu ia deitar-me, ao passar

pelo corredor escuro com minha lampada, uma sombra me apugava a luz e um beijo me pousava nas faces, nas trevas.

Muitas noites foi assim.

Uma manhã — eu dormia ainda — o mestre sahira e Nauza fôra á igreja — quando Laura entrou no meu quarto e fechou a porta : deitou-se a meu lado. Acordei nos abraços della.

O fogo de meus dezoito annes, a primavera virginal de uma belleza, ainda innocente, o seio semi-nú de uma donzella a bater sobre o meu : isso tudo ao despertar dos sonhos alvos da madrugada, me enlouqueceu...

Todas as manhãs Laura vinha a meu quarto...

Tres mezes passarão assim. Um dia entrou ella no meu quarto e disse-me :

— Gennaro, estou deshonrada para sempre... A principio eu quiz-me illudir ; já não o posso — estou de esperanças...

Um raio que me cahisse aos pés não me assustaria tanto.

— É preciso que cases comigo, que me peças a meu pai, ouves, Gennaro?

Eu calei-me.

— Não me amas então?

Calei-me ainda.

— Oh! Gennaro! Gennaro!

E cahiu no meu hombro desfeita em soluços. Carrêguei-a ansim fria e fôra de si para seu quarto.

Nunca mais tornou a fallar-me em casamento.

Que havia de eu fazer? contar tudo ao pai, e pedi-la em casamento? fôra uma loucura; elle me mataria, e a ella : ou pelo menos me expulsaria de sua casa... E Nauza ? cada vez eu a amava mais. Era uma luta terrivel essa que se travava entre o dever e o amor, e entre o dever e o remorso.

Laura não me fallara mais. Seu sorriso era frio : cada dia tornava-se mais pallida; mas a gravidez não crescia, antes mais nenhum signal se lhe notava...

O velho levava as noites passeando no escuro. Já não pintava. Vendo a filha que morria aos sons secretos de uma harmonia de morto, que empallidecia cada vez mais, o miserrimo arrancava as cans.

Eu contudo não esquecêra Nauza, nem ella se esquecia de mim. Meu amor era sempre o mesmo : erão sempre noites de esperança e de sêde que me banhavão de lagrimas o travesseiro. Não ás vezes sombra de um remorso me passava; mas a imagem della dissipava todas essas nevoas...

Uma noite... foi horrivel... vierão chamar-me; Laura morria. Na febre murmurava meu nome e palavras que ninguem podia reter; tão apressadas e confusas lhe soavão. Entrei no quarto della : a doente conheceu-me. Ergueu-se branca, com a face humida de um suor copioso : chamou-me. Sentei-me junto do leito della. Apertou minha mão nas suas mãos frias e murmurou em meus ouvidos :

Gennaro, eu te perdôo : eu te perdôo tudo... Eras um infame... Morrerei... Fui uma louca... Morrerei... por tua

causa.... teu filho.... o meu.... vou vê-lo ainda... mas no céu... meu filho que matei... antes de nascer.

Deu um grito ; estendeu convulsivamente os braços como para repellir uma idéa, passou a mão pelos lábios como para enxugar as últimas gottas de uma bebida, estorceu-se no leito livida, fria, banhada de suor gelado, e arquejou... Era o ultimo suspiro.

Um anno todo se passou assim para mim. O velho parecia endoudecido. Todas as noites fechava-se no quarto onde morrera Laura : levava ahi a noite toda em solidão. Dormia ? ah que não ! Longas horas eu o escutei no silencio arfar com ancia. outras vezes afogar-se em soluços. Depois tudo emmudecia ; o silencio durava horas : o quarto era escuro : e depois as passadas pesadas do mestre se ouvião pelo quarto, mas vacillantes como de um bebado que cambalêa.

Uma noite eu disse a Nauza que a anava ; ajoelhei-me junto della, beijei-lhe as mãos, reguei seu collo de lagrimas : ella voltou a face : eu cri que era desdém, ergui-me.

— Então, Nauza, tu me não amas, disse eu.

Ella permanecia com o rosto voltado.

— Adeus pois : perdoai-me se vos offendi ; meu amor é uma loucura, minha vida é uma desesperança — o que me resta ? Adeus, irei longe, longe daqui... talvez então eu possa chorar sem remorso...

Tomei-lhe a mão e beijei-a.

Ella deixou sua mão nos meus lábios.

Quando ergui a cabeça, eu a vi : ella estava debulhada em lagrimas.

— Nauza ! Nauza ! uma palavra, tu me amas ?

Tudo o mais foi um sonho : a lua passava entre os vidros da janella aberta, e batia nella : nunca eu a vira tão pura e divina !

E as noites que o mestre passava soluçando no leito vazio de sua filha, eu as passava no leito d'elle, nos braços de Nauza.

Uma noite houve um facto pasmoso.

O mestre veio ao leito de Nauza. Gemia e chorava aquella voz cavernosa e rouca : tomou-me pelo braço com força, acordou-me, e levou-me de rasto ao quarto de Laura...

Atirou-me ao chão : fechou a porta. Uma lampada estava accesa no quarto defronte de um painel. Ergueu o lençol que o cobria. — Era Laura moribunda. E eu macilento como ella tremia como um condemnado. A moça com seus lábios pallidos murmurava no meu ouvido...

Eu tremi de ver meu semblante tão livido na têla : e lembrei-me que naquelle dia ao sahir do quarto da morta, no espelho della que estava ainda pendurado á janella, eu me horri-sára de ver-me cadaverico...

Um tremor, um calafrio, se apoderou de mim. Ajoelhei-me, chorei lagrimas ardentes. Confessei tudo : parecia-me que era ella quem o mandava, que era Laura que se erguia d'entre os

lanções do seu leito, e me accendia o remorso, e no remorso me raspava o peito.

Por Deus ! que foi uma agonia !

No outro dia o mestre conversou comigo friamente. Lamentou a falta de sua filha ; mas sem uma lagrima. Mas sobre o passado da noite, nem palavra.

Todas as noites era a mesma tortura, todos os dias a mesma fiteza.

O mestre era somnambulo...

E pois eu não me cri perdido...

Contudo lembrei-me que uma noite, quando eu sahia do quarto de Laura com o mestre, no escuro vira uma roupa branca passar-me por perto, roçárão me uns cabellos soltos, e nas lageas do corredor estalavão umas passadas timidas de peo nús... Era Nauza que tudo vira e tudo ouvira, que se acordára e sentiraminha falta no leito, que ouvira esses soluços e gemidos, e corrêra para ver...

Uma noite, depois de ceia, o mestre Walsh tomou sua capa e uma lanterna, e chamou-me para acompanhá-lo. Tinha de sair fóra da cidade e não queria ir só. Sahimos juntos : a noite era escura e fria. O outomno desfolhára as arvores e os primeiros sópros do inverno rugião nas folhas seccas do chão. Caminhámos juntos muito tempo : cada vez mais nos entranhávamos pelas montanhas, cada vez o caminho era mais solitario. O velho parou. Era na fralda de uma montanha. À direita o rochedo se abria n'um trilho : á esquerda as pedras soltas por nossos pés a cada passada se despegavão e rolavão pelo despenhadeiro, e instantes depois se ouvia um som como de agua onde cahe um peso...

A noite era escurissima. Apenas a lanterna allumiava o caminho tortuoso que seguíamos. O velho lançou os olhos á encuridão do abysmo e rio-se.

Espera-me ahi, disse elle ; já venho.

Godofredo tomou a lanterna e seguiu para o cume da montanha : eu sentei-me no caminho á sua espera : vi aquella luz ora perder-se, ora reaparecer entre os arvoredos nos atzags do caminho. Por fim vi-a parar. O velho bateu á porta de uma cabana : a porta abriu-se. Entrou. O que ahi se passou nem o sei : quando a porta abriu-se de novo uma mulher livida e desgrenhada appareceu com um facho na mão.

A porta fechou-se. Alguns minutos depois o mestre estava comigo.

O velho assentou a lanterna n'um rochedo, despio a capa e disse-me :

Gennaro, quero contar-te uma historia. É um crime, quero que sejas juiz delle. Um velho era casado com uma moça bella. De outras nupcias tinha uma filha bella tambem. Um aprendiz — um miseravel que elle erguera da poeira, como o vento ás vezes ergue uma folha, mas que elle podia reduzir a ella quando quizesse.

Eu estremei, os olhares do velho parecião ferir-me.

— Nunca ouviste essa historia, meu bom Gennaro?

— Nunca, disse eu a custo e tremendo.

— Pois bem : esse infame deshonrou o pobre velho — trahi-o como Judas ao Christo.

— Mestre, perdão!

— Perdão! e perdoou o malvado ao pobre coração do velho?

— Piedade!

— E teve elle dó da virgem, da deshonrada, da infanticida?

— Ah! gritei.

— Que tens? conheces o criminoso?

A voz de escarneo delle me abafava.

— Vês pois, Gennaro, disse elle mudando de tom : se houvesse um castigo peor que a morte, eu t'o daria. Olha esse despenhadeiro! É medonho! se o visses de dia, teus olhos se escurecerião a ahi rolarias talvez — de vertigem! É um tumulto seguro : e guardará o segredo, como um peito o punhal. Só os corvos irão lá ver-te; só os corvos e os vermes. E pois, se tens ainda no coração maldito um remorso, reza tua ultima oração; mas seja breve; o algoz espera a victima : a hyena tem fome de cadaver...

Eu estava ali pendente junto á morte. Tinha só a escolher o suicidio ou ser assassinado. Matar o velho era impossivel. Uma luta entre mim e elle fôra insana. Elle era robusto, a sua estatura alta, seus braços musculosos me quebrarião como o vendaval rebenta um ramo secco. Demais, elle estava armado. Eu — eu era uma criança debil : ao meu primeiro passo elle me arrojaria da pedra em cujas bordas eu estava.... só me restaria morrer com elle, arrasta-lo na minha quéda. — Mas para que?

Eu curvei-me no abysmo : tudo era negro : o vento lá gemia embaixo nos ramos desnudados, nas urzes, nas espinhaes resequeidos, e a torrente lá chocalhava no fundo escumando nas pedras.

Eu tive medo.

Orações, ameaças, tudo seria debalde.

— Estou prompto, disse.

O velho rio-se : infernal cra aquelle rir dos seus labios estalados de febre. Só vi aquelle riso.... Depois foi uma vertigem... o ar que suffocava, um peso que me arrastava, como naquelles pesadelos em que se cahe de uma torre e se fica preso ainda pela mão, mas a mão cansa, fraquêa, súa, esfria... Era horrivel : ramo a ramo, folha por folha, os arbustos me estalavão nas mãos : as raizes seccas que sahião pelo despenhadeiro estalavão sobre meu pezo, e meu peito sangrava nos espinhaes. A queda era muito rapida..., de repente não senti mais nada.... Quando acordei estava junto a uma cabana de camponezes que me tinham apanhado junto da torrente, preso nos ramos de uma azinheira gigantesca que assombrava o rio.

Era depois de um dia e uma noite de delirios que eu acordára. Logo que sarei, uma idéa me veio : ir ter com o mestre.

Ao ver-me salvo assim daquella morte horrivel, pôde ser que se apiedasse de mim, que me perdoasse, e então eu seria seu escravo, seu cão, tudo o que hevesse mais abjecto n'um homem que se humilha — tudo! — com tanto que elle me perdoasse. Viver com aquelle remorso me parecia impossivel. Parti pois : no caminho topei um punhal. Ergui-o : era o do mestre. Veio-me então uma idéa de vingança e de soberba. Elle quizera matar-me, elle tinha rido á minha agonia, e eu havia ir chorar-lhe ainda aos pés para elle repellir-me ainda, cuspir-me nas faces, e amanhã procurar outra vingança mais segura. Eu humilhar-me quando elle me tinha abatido ! Os cabellos me arripiarão na cabeça, e suor frio me rolava pelo rosto.

Quando cheguei á casa do mestre achei-a fechada. Bati — não abrirão. O jardim da casa dava para a rua : saltei o muro : tudo estava deserto e as portas que davão para elle estavam tambem fechadas. Uma dellas era fraca : com pouco esforço arrombei-a. Ao estrondo da porta que cahio, só o echo respondeu nas salas. Todas as janellas estavam fechadas : e contudo era dia claro fóra. Tudo estava escuro : nem uma lamparina accesa. Caminhei tacteando até a sala do pintor. Cheguei lá : abri as janellas e a luz do dia derramou-se na sala deserta. Cheguei então ao quarto de Nauza ; abri a porta e um bafo pestilento corria dahi. O raio da luz bateu em uma mesa. — Junto estava uma fórma de mulher com a face na mesa, e os cabellos cahidos : atirado n'uma poltrona um vulto coberto com um capote. Entre elles um copo onde se depositára um residuo polvilhento. Ao pé estava um frasco vazio. Depois eu soube — a velha da cabana era uma mulher que vendia veneno : era ella de certo que o vendêra, porque o pé branco do copo parecia sê-lo...

Ergui os cabellos da mulher, levantei-lhe a cabeça... Era Nauza, mas Nauza cadaver, já desbotada pela podridão. Não era aquella estatua alvissima de outr'ora, as faces macias e o collo de neve... era um corpo amarello... Levantei uma ponta da capa do outro — o corpo cahio de bruços com a cabeça para baixo ; resôou no pavimento o estalo do craneo... Era o velho — morto tambem, roxo e apodrecido : eu o vi — da bocca lhe corria uma escuma esverdeada

V

CLAUDIUS HERMANN

... Extacy

My guize as yours doth temperately keep time
 And makes a healthful music: It is not madness
 That I have utter'd.

SHAKESPEARE, *Hamlet*.

— E tu, Hermann! Chegou a tua vez. Um por um evocámos ao cemiterio do passado um cadaver. Um por um erguêmos-lhe o sudario para amostrar-lhe uma nodoa de sangue. Falla que chegou tua vez.

— Claudius sonha algum soneto ao geito do Petrarca, alguma aureola de pureza como a dos espiritos puros da Messiada! disse entre uma fumaça e uma gargalhada Johann erguendo a cabeça da mesa.

— Pois bem! quereis uma historia? Eu pudéra conta-las, como vós, loucuras de noites de orgia; mas para que? Fôra escarneo Faust ir lembrar a Mephistopheles as horas de perdição que lidou com elle. Sabeis-las essas minhas nuvens do passado, lêste-lo á farta o livro desbotado de minha existencia libertina. Se o não lembrasseis, a primeira mulher das ruas pudéra conta-lo. Nessa torrente negra que se chama a vida, e que corre para o passado enquanto nós caminhamos para o futuro, tambem desfolhei muitas crenças, e lancei despidas as minhas roupas mais perfumadas para trajar a tunica da saturnal! O passado é o que foi, é a flôr que murchou, o sol que se apagou: o cadaver que apodreceu. Lagrimas a elle? fôra loucura! Que durma com suas lembranças negras! revivão; acordem apenas os myosotis abertos naquelle pantano! sobre-ague naquelle não-ser o efluvio de alguma lembrança pura!

— Bravo! Bravissimo! Claudius, estás completamente bebado! hófé que estás romantico!

— Silencio, Bertram! certo que esta não é uma lenda para inscrever-se após das vossas: uma dessas cousas que se contem com os cotovelos na toalha vermelha, e os labios borrifados de vinho e saciados de beijos... Mas que importa?

Vós todos, que amais o jogo, que vistes um dia correr naquelle abysmo uma onda de ouro, redomoinhar-lhe no fundo, como um mar de esperanças que se embate na ressaca do acaso, sabeis melhor que vertigem nos tontea então: idealis-la melhor a loucura que nos delira naquelles jogos de milharos de homens, ou de fortuna; aspirações, a vida mesma vão-se na rapidez de uma corrida, onde todo esse complexo de misérias e desejos, de crimes e virtudes que se chama a existencia, se joga n'uma parelha de cavallos!

Apostei como homem a quem não doêra empobrecer : o luxo tambem sacia, e é essa uma saciedade terrivel ! para ella nada basta : nem as dansas do Oriente, nem as lupercâes romanas, nem os incendios de uma cidade inteira lhe alimentarião a alma de morte, essa *vitalidade do veneno* de que falla Byron. Meu lance no *turf* foi minha fortuna inteira. Eu era rico, muito rico então : em Londres ninguem ostentava mais dispendiosas devassidões : nenhum nababo n'uma noite esperdiçava nommas como eu. O suor de tres gerações derramava-o eu no leito das perdidias, e no chão das minhas orgias...

No instante em que as corridas ião começar, em que todos sentião-se febris de impaciencia — um murmurio correu pelas multidões — um sorriso — e depois erão as frentes que se expandião — e depois uma mulher passou a cavallo.

Visseis-la como eu — no cavallo negro, com as roupas de velludo, as faces vivas, o olhar ardente entre o desdêm dos cilijs, transluzindo a rainha em todo aquelle ademan soberbo : visseis-la bella na sua belleza plastica e harmonica, linda nas suas côres puras e assetinadas, nos cabellos negros, e a tez branca da frente ; o oval das faces coradas, o fogo de nacar dos labios finos, o esmero do collo resaltando nas roupas de amazona : visseis-la assim, e á fé, senhores, que não haviéis rir de escarneo como rides agora !

— Romantismo ! deves estar muito ebrio, Claudius, para que nos teus labios seccos de Lovelace, e na tua insensibilidade de D. Juan venha a poesia ainda passar-te um beijo !

— Ride, sim ! misérrimos ! que não comprehendéis o que por ventura vai de incendio por aquelles labios de Lovelace, e como arqueja o amor sob as roupas gottejantes de chuva de D. Juan o libertino ! Insanos, que nunca sonhastes Lovelace sem sua mascara talvez chorando Clarisse Harlowe, pobre anjo, cujas azas brancas ella ia desbotar... maldizendo essa fatalidade que faz do amor uma infamia e um crime ! Mil vezes insanos que nunca sonhastes o Hespanhol acordando no lupanar, passando a mão pela frente, e rugindo de remorso e saudade ao lembrar tantas visões alvas do passado !

— Bravo ! bravo !

— Poesia ! poesia ! murmurou Bertram.

— Poesia ! porque pronunciar-lh'o á virgem casta o nome santo como um mysterio, no lodo escuro da taverna ? Porque lembra-la a estrella do amor á luz do lampeão da crapula ? Poesia ! sabeis o que é a poesia ?

— Meio cento de palavras sonoras e vãs que um pugillo de homens pállidos entende, uma escada de sons e harmonias que aquellas almas loucas parecem idéas, e lhes despertão illusões como a lua as sombras... Isso no que se chama os poetas. Agora, no ideal, na mulher, o resaibo do ultimo romance, o delirio e a paixão da ultima heroína de novella, o presente incerto e vago de um gozo mystico, pelo qual a virgem se morre de volupia, sem sabê-lo porque...

— Silencio, Bertram ! teu cerebro quemárão-t'o os vinhos,

como a lava de um vulcão as relvas e flôres da campina. Silencio! és como essas plantas que nascem e mergulhão-se no mar morto : cobre-as uma crystallisação calcárea, enfesão-se o mirrão. A poesia, eu t'ò direi tambem por minha vez, é o vôo das aves da manhã no banho morno das nuvens vermelhas da madrugada, é o cervo que se rola no orvalho da montanha relvosa, que se esquece da morte de amanhã, da agonia de hontem em seu leito de flôres!

— Basta, Claudius; que isso que ahi dizes ninguem o entende : são palavras, palavras e palavras, como o disse o Hamleto : e tudo isso é inanido e vazio como uma caveira secca, mentiroso como os vapores infectos da terra que o sol no crepusculo iría de mil côres, e que se chamão as nuvens, ou essa fada zombadora e nevoenta que se chama a poesia!

— A historia! á historia! Claudius — não vêes que essa discussão nos faz bocejar de tedio?

— Pois bem : contarei o resto da historia : — No fim desse dia eu tinha dobrado minha fortuna.

No dia seguinte eu a vi : era no theatro. Não sei o que representarão ; não sei o que ouvi, nem o que vi : sei só que lá estava uma mulher — bella como tudo quanto passa mais puro á concepção do estatuario. Essa mulher era a duqueza Eleonora... No outro dia vi-a n'um baile... Depois... Fôra longo dizer-vo-lo : seis mezes! concebeis-lo? seis mezes de agonia e desejo anhelante — seis mezes de amor com a sêdo da fera! seis mezes ! como forão longos !

Um dia achei que era demais. Todo esse tempo havia passado em contemplação — em vê-la, ama-la, e sonha-la : apêrcel minhas mãos jurando que isso iría além, que era muito esperar em vão : e que se ella não viria como Gulnare aos pés de Corsario, a elle cabia ir ter com ella.

Uma noite tudo dormia no palacio do duque. A duqueza, cansada do baile, adormecia n'um divan. A lampada de alabastro estremeia-lhe sua luz dourada na testa pallida. Parecia uma fada que dormia ao luar...

O reposteiro do quarto agitou-se : um homem ahi estava parado — absorto. Tinha a cabeça tão quente e febril e elle a repousava no portal.

A fraqueza era cobarde : e demais, esse homem comprára uma chaze e uma hora á infamia venal de um criado ; esse homem jurára que nessa noite gozaria aquella mulher : fosse embora veneno, elle beberia o mel daquella flôr, o licôr de escarlate daquella taça. Quanto a esses prejuizos de honra e adulterio, não riais delles — não que elle ria disso. Amava, e queria : a sua vontade era como a folha de um punhal — ferir ou estalar.

Na mesa havia um copo e um frasco de vinho : encheu o copo : era vinho hespanhol... Chegou-se a ella, ergueu-a com suas roupas de velludo desatadas, seus cabellos a meio soltos ainda entremeados de pedraria e flôres. seus seios meio-nús onde os diamantes brilhavão como gottas de orvalho ; ergueu-a nos braços ; deu-lhe um beijo. Ao calor daquelle beijo, semi-

nua, ella acordou-se : entre os vagos sonhos se lhe perdia uma illusão talvez ; murmurou « amor ! » e com olhos entreabertos deixou cahir a cabeça e adormeceu de novo.

O homem tirou do seio um frasquinho de esmeralda. Levou-o aos labios entreabertos della : verteu-lhe algumas gottas que ella absorveu sem senti-las. Deitou-a e esperou. Dahi a instantes o somno della era profundissimo... A bebida era um narcótico onde se misturáráo algumas gottas daquelles licôres excitantes que acordão a febre nas faces e o desejo voluptuoso no seio.

O homem estava de joelhos : o seu peito tremia, e elle estava pallido como após de uma longa noite sensual. Tudo parecia vacillar-lhe em torno... Ella estava nua : nem velludo, nem véo leve a encobria. O homem ergueu-se, afastou o corcinado.

A lampada brilhou com mais força — e apagou-se...

O homem era Claudius Hermann.

Quando me levantei, embucei-me na capa e sahi pelas ruas. Quería ir ter a meu palacio ; mas estava tonto como um ebrio. Titubeava e o chão era lúbrico como para quem desmaia. Uma idéa comtudo me perseguia. — Depois daquella mulher nada houvera mais para mim. Quem uma vez bebeu o succo das uvas purpurinas do paraíso, mais nunca deve inebriar-se do nectar da terra...

Quando o mel se esgotasse, o que restava a não ser o suicidio ?

Uma semana se passou assim ; todas as noites eu bebia nos labios á dormida um seculo de gozo. Um mez ! o mez em que delirantes são os bailes do entrudo, em que mais cheia de febre ella adormecia quente, com as faces em fogo !

Uma noite — era depois de um baile — eu esperei-a na alcova, escondido atrás do seu leito. No copo cheio d'agua que estava junto á sua cabeceira derrámara as ultimas gottas de philtro, quando entrou ella com o Duque.

Era elle um bello moço ! Antes de deixo-la passou-lhe as duas mãos pelas fontes e deu-lhe um beijo. Embevecido daquelle beijo, o anjo pendeu a cabeça no hombro d'elle, e enlancou-o com seus braços nus reluzentes das pulseiras de pedraria. O duque teve sede, pegou no copo da duqueza, bebeu algumas gottas . ella tomou-lhe o copo bebeu o resto. Eu os vi assim : aquelle esposo inda tão moço, aquella mulher — ah ! o tão bella !... de têt ainda virgem — e apertei o punhal...

Viras hoje, Maffio ? Disse ella.

— Sim, minha alma.

Um beijo sussurrou, e afogou as duas almas. E eu na sombra morri ; porque sabia que elle não havia de vir

Elle sahio : ella começou a despir-se. Eu lh'as vi uma per uma cahirem as roupas brilhantes, as flôres e as joias, desatarem se-lhe as tranças luzidias e negras — e depois apparecia no

véo branco do roupão transparente como as estatuas de nymphas a meio-nús com as fórmãs desenhadas pela tunica repassada da agua do banho.

O que vi — foi o que sonhára e muito, o que vós todos, pobres insanos, idealizastes um dia como a visão dos amores sobre o corpo da vendida! Erão os seios niveos e veitados de azul, tremulos de desejo, a cabeça perdida entre a chuva de cabellos negros, os labios arquejantes, o corpo todo palpitante — era a languidez do desalinho, quando o corpo da belleza mais se enche de belleza, e como uma rosa que abre molhada de sereno, mais se expande, mais patentêa suas côres.

O narcotico era fortissimo: uma soffreguidão febril lhe abria os beiços, extenuada e languida cahida no leito, com as palpebras pallidas, os braços soltos e sem força — parecia beijar uma sombra

Érgui-a do leito: carreguei-a com suas roupas diaphanas, suas fórmãs setinosas, os cabellos soltos humidos ainda de perfume, seus seios ainda quentes...

Corri com ella pelos corredores desertos: passei pelo páteo — a ultima porta estava cerrada: abri-a.

Na rua estava um carro de viagem: os cavallos nitrião e escumavão de impaciencia. Entrei com ella dentro do carro. — Partimos.

Era tempo. Uma hora depois amanhecia.

Breve estívimos fóra da cidade.

A madrugada ahí vinl a com seus vapores, seus rosáes borrifados de orvalho, suas nuvens avelludadas e as aguas salpicadas de ouro e vermelhidão. A natureza corava ao primeiro beijo do sol, como branca donzella ao primeiro beijo do noivo: não como amante afanada de noite voluptuosa como a pintou o paganismo; antes como virgem acordada do somno infantil meia ajoelhada ante Deus, que ora e murmura suas orações balsamicas ao céo que se azula, á terra que scintilla, ás aguas que se dourão. Essa madrugada baixava á terra como o bafô de Deus: e entre aquella luz e aquelle ar fresco, a duqueza dormia — pallida como os somnos daquellas creaturas mysticas das illuminuras da idade media — bella como a Venus dormida do Ticiano, e voluptuosa como uma das amasias do Veroneso.

Beijei-a: eu sentia a vida que se me evaporava nos seus labios. Ella sobresaltou-se — entreabriu os olhos; mas o peso do somno ainda a acabrunhava, e as palpebras descoradas se fecharão...

A carruagem corria sempre.

O sol estava a prumo no céo — era meio dia: o calor abafava: pela fronte, pelas faces, pelo collo da duqueza rolavão gottas de suor como aljofares de um collar roto..... Parámos n'uma estalagem: lancei-lhe sobre a face um véo, tomci-a nos meus braços, e levei-a a um aposento.

Ella devia ser muito bella assim! os criados paravão nos corredores : era assombro de tanta belleza, mais ainda que curiosidade indiscreta.

A dona da casa chegou-se a mim.

— Senhor, vossa esposa ou irmã, quem quer que ella seja, do certo precisará de uma criada que a sirva...

— Deixai-me : ella dorme.

Foi essa a minha unica resposta.

Deitei-a no leito : corri os cortinados, cerrei as janellas para que a luz lhe não turbasse ao somno. Não havia ali ninguem que nos visse : estavamos sós, o homem e seu anjo, e a creatura da terra ajoelhou-se ao pé do leito da creatura do céo.

Não sei quanto tempo correu assim : não sei se dormia, mas sei que sonhava muito amor e muita esperanza : não sei se volava, mas eu a via sempre ali, eu lhe contemplava cada movimento gracioso do dormir : eu estremecia a cada alento que lhe tremia os seios, e tudo me parecia um sonho — um desses sonhos a que a alma se abandona como um cysne, que modorra, no tom das aguas... não sei quanto tempo correu assim : sei só que o meu deliquio quebrou-se : a duqueza estava sentada sobre o leito : com os braços nus afastava as ondas do cabello molto que lhe cobria o rosto e o collô.

— É um sonho? murmurou. Onde estou eu? quem é esse homem encostado em meu leito?

O homem não respondeu.

Ella desceu da cama : seu primeiro impulso foi o pudor : quiz encobrir com as mãozinhas os seios palpitantes de susto. Sentiu se quasi nua, exposta ás vistas de um estranho — e tremia como contão os poetas que tremêra Diana ao ver-se exposta, no banho nua ás vistas de Acteon.

— Senhor, dizei-me por compaixão se tudo isso não é uma illusão... se não fôra uma infamia? Nem quero pensa-lo. Maffio não deve tardar, não é assim? o meu Maffio!... Tudo isso é uma comedia... Mas que alcova é esta? Eu adormeci no meu palacete... como despertei n'uma sala desconhecida! dizei, tudo isso é um brinco de Maffio? quer se rir de mim : Mas, vêde, vêde, ou tremo, tenho medo.

O homem não respondia : tinha os olhos a fito naquella fórma divina : seria a estatua da paixão na pallidez, no olhar immovel, nos labios sedentos, se o arfar do peito lhe não denunciasse a vida.

Ella ajoelhou-se : nem sei o que ella dizia. Não sei que palavras se evaporarão daquelles labios : são perfumes, porque as fuma do céo só tem perfumes : são harmonias, porque as harpas do céo só tem harmonias, e o labio da mulher bella é uma rosa divina, e seu coração é uma harpa do céo. Eu a esoutava, mas não a entendia : sentia só que aquellas fallas são muito doces, que aquella voz tinha um talisman irresistivel para minh'alma, porque só nos meus sonhos de infante que se llado de amores, uma voz assim me passára. Os gemidos de duas virgens abraçadas no céo, douradas da luz da face de Deus,

empallidecidas pelos beijos mais puros, pelo tremuloso dos abraços mais palpitantes — não seriam tão suaves assim!

A moça chorava, soluçava : por fim ella ergueu-se.

Eu a vi correr a janella, ia abri-la... Eu corri a ella e tomei-a pelas mãos...

— Pois bem, disse ella, eu gritarei... se não fôr um deserto, se alguém passar por aqui.... talvez me acudão... soccor...

Eu tapei-lhe a bocca com as mãos....

— Silencio, senhora!

Ella lutava para livrar-se de minhas mãos ; por fim sentio-se enfraquecida. Eu soltei-a de pena della.

— Então dizei-me onde estou — dizei-m'o, ou eu chamarei por soccorro...

— Não gritareis, senhora!

— Por compaixão então esclarecei-me nesta duvida : porque tudo isso que eu vejo? Tudo o que penso, o que advinho é muito horrivel!

— Escutai pois, disse-lhe eu. Havia uma mulher.... era um anjo. Havia um homem que a amava, como as aguas amão alua que as pratêa, como as aguias da montanha o sol que as fita, que as enche de luz e de amor. Nem sei quem elle era : ergueu-se um dia de uma vida de febre, esqueceu-a : e esqueceu o passado, adiante de uns olhos transparentes de mulher, as manchas de sua historia, n'uma aurora de gozos, onde se lhe desenhava a sombra desse anjo... Escutai : não o amaldiçoeis! Esse homem tinha muita infamia no passado : profanára sua mocidade — prostituira-a como o borboleta de ouro a sua geração, lançando-a no lodo : frio, sem crenças, sem esperanças; abafára uma per uma suas illusões, como a infanticida seus filhos... Deus o tinha amaldiçoado talvez! ou elle mesmo se amaldiçoára... Esquecêra que era homem, e tinha no seu peito harmonias santas como as do poeta... elle as esquecêra, e ellas dormião-lhe no mysterio como os suspiros nas cordas de uma guitarra abandonada. Esquecêra que a natureza era bella e muito bella, que o leito das flôres da noite era rescendente, que a lua era a lampada dos amores, as aragens do valle, os perfumes do poeta no seu noivado com os anjos, e que a aurora tinha effluvios frescas, e com suas nuvens virginaes, suas folhas molhadas de orvalho, suas aguas nevoentas tinha encantos que só as almas puras entendem! Tudo isso engeitou, esqueceu... para só o lembrar a furto e com escarneo nas horas suarentas da devassidão.... Elle era muito infame!

— Mais tudo isso não me diz quem sois vós.... nem porquo estou aqui...

— Escutai. — O libertino amou pois o anjo, voltou o rosto ao passado, despiu-se d'elle como de um manto impuro. Retemprou-se no fogo do sentimento, apurou-se na virgindade daquella visão, porque ella era bella como uma virgem, e reflectia essa luz virgem do espirito, nesse brilho d'alma divina que alumia as fórmãs — que não é da terra, mas do céo. Ainda o tempo não eivára o coração do insano de uma lepra sem cura :

nem sello inextinguivel lhe gravára na fronte — *impureza!* Deixou-se do viver que levára, desconheceu seus companheiros, suas amantes venaes, suas insomnias cheias de febre: quiz apagar todo o gosto da existencia, como o homem que perdeu uma fortuna inteira no jogo quer esquecer a realidade.

E o homem pôde esquecer tudo isto. Mas elle não era ainda feliz. As noites passava-as ao redor do palacio della: via-a ás vezes bella e descorada ao luar, no terraço deserto, ou distinguia suas fórmas na sombra que passava pelas cortinas da janella aberta de seu quarto illuminado. Nos bailes seguia com olhares de inveja aquelle corpo que palpitava nas dansas. No theatro, entre o arfar das ondas da harmonia, quando o extase bojava naquelle ambiente balsamico e luminoso, elle nada via senão ella — e só ella! E as horas de seu leito — suas horas do somno não, que mal as dormia — ás vezes erão longas de impaciencia e insomnia, — outras vezes erão curtas de sonhos ardentes! O pobre insano teve um dia uma idéa; era negra sim, mas era a da ventura. O que fez não sei: nem o sabe-rois nunca. E depois bastante ebrio para vos sonhar, bastante louco para nos sonhos de fogo de seu delirio imaginar gozar-vos, foi profano assaz para roubar a um templo o ciborio d'ouro, mas puro.. — Esse homem — tende compaixão delle, que vos amará de joelhos.. Ó anjo, Eleonora..

— Meu Deus! meu Deus! porque tanta infamia, tanto lodo sobre mim? Ó minha Madona! porque maldissesstes minha vida, porque deixastes cahir na minha cabeça uma nodoa tão negra?

As lagrimas, os soluços abafavão-lhe a voz.

— Perdoai-me, senhora, aqui me tendes a vossos pés! tende pena de mim, que eu soffri muito, que amei-vos, que vos amo muito! Compaixão! que serei vosso escravo; beijarei vossas plantas; ajoelhar-me-hei á noite á vossa porta; ouvirei vosso resomnar, vossas orações, vossos sonhos — e isso me bastará — serei vosso escravo e vosso cão: deitar-me-hei a vossos pés quando estirvedes acordada, velarei com meu punhal quando a noite cahir: e se algum dia vós me pudédes amar — então!...

— Oh! deixai-me! deixai-me!...

— Eleonora! Eleonora! Perder noites e noites n'uma esperanza! Alenta-la no peito como uma flôr que murcha de frio — alenta-la, revivê-la cada dia — para vê-la desfolhada sobre meu rosto! Absorver-me em amor e só ter irrisão e escarneo? Dizci antes ao pintor que rasgue sua Madona, ao esculptor que despedace a sua estatua de mulher.

Louca, pobre louca que sois! crêdes que um homem havia de encarnar um pensamento em sua alma, viver desse cancro, ombeber-se da vitalidade da dôr, para depois rasga-lo do seio? Crêdes que elle consentiria que se lhe pisasse no coração, que lhe arrancassem — a elle poeta e amante, da corôa de illusões as flôres uma per uma? que pela noite da desgraça, o seu amor humano de mãe lhe suffocassem sobre o seio a creatura de seu

sangue, o filho de sua vida, a esperança de suas esperanças?

— Oh! e não tereis vós também dó de mim? Não sabeis-lo? isto é infame! sou uma pobre mulher. De joelhos eu vos peço perdão se vos offendi... Eu vo-lo peço, deixai-me! que me importão vossos sonhos, vosso amor?

Doía-me profundamente aquella dôr: aquellas lagrimas me queimavão. Mas minha vontade fez-se rija e ferrea como a fatalidade.

— Que te importão meus sonhos, que te importão meus amores? Sim, tens razão! Que importa á agua do deserto, á gazella do areal que o Arabe tenha sêde ou que o leão tenha fome? Mas a sêde e a fome são fataes. O amor é como elles. — Entendes-me agora?

— Matai-me então! Não tereis um punhal! Uma punhalada pelo amor de Deus! Eu juro, eu vos abençoarei...

— Morrer! e pensas no morrer! Insensata! — descer do leito morno do amor á pedra fria dos mortos! Nem sabes o que dizes. Sabes o que é essa palavra — morrer? É a duvida que afana a existencia: é a duvida, o presentimento que resfria a fronte do suicida, que lhe passa nos cabellos como um vento de inverno, e nos empallidece a cabeça como Hamleto! Morrer! é a cessação de todos os sonhos, de todas as palpitações do peito, de todas as esperanças! É estar peito a peito com nossos antigos amores e não senti-los! Douda! é um noivado medonho o do verme: um lençol bem negro, o da mortalha! Não falles nisso; porque lembrar o cozeiro junto ao leito da vida? põe a mão no teu coração — bate — e bate com força como o feto nas entranhas de sua mãe. Ha ahí dentro muita vida ainda: muito amor poramar, muito fogo por viver! Oh! se tu quizesse amar-me!

Ella, escondeu a cabeça nas mãos e soluçou.

— É impossivel: eu não posso amar-vos!

Eu disse-lhe:

— Eleonora, ouve-me: deixo-te só; velarei com tudo sobreti daquella porta. Resolve-te: seja uma decisão firme sim, mas pensada. Lembra-te que hoje não poderás voltar ao mundo: o duque Maffio seria o primeiro que fugiria de ti: a torpeza do adulterio senti-la-hia elle nas tuas faces; creia rogar na tua bocca a humidade de um beijo de estranho. E elle te amaldiçoaria! Vê: além a maldição e o escarneo: a irrisão, das outras mulheres, a zombaria vingativa daquelles que te amirão e que não amaste. Quando entrares, dir-se-ha: ei-la! arrependeu-se! o marido — pobre d'elle! — perdou-a... As mais te escondêrão suas filhas: as esposas honestas terão pejo de tocar-te... E aqui, Eleonora, aqui terás meu peito e meu amor — uma vida só para ti: um homem que só pensara em ti e sonhará sempre contigo: um homem cujo mundo serás tú, serão teus risos, teus olhares, teus amores: que se esquecerá de *hontem* e de *amanhã* para fazer como um Deus de ti a sua Eternidade. Pensa, Eleonora! se quizesse, partiríamos hoje: uma vida de venturas nos espera. Sou muito rico, bastante para adornar-te

como uma rainha.— Correremos a Europa, iremos ver a França com seu luxo, a Hespanha, onde o clima convida ao amor, onde as tardes se embalsamão nos laranjaes em fiôr, onde as campinas se avelludão e se matizão de mil flôres; iremos á Italia, á tua patria, e no teu céu azul, nas tuas noites limpidas, nos teus crepusculos suavissimos viver de novo ao sol meridional!... Se quizeres... senão seria horrivel... não sei o que aconteceria: mas quem entrasse nesse quarto levaria os pés ensopados de sangue...

Sahi: duas horas depois voltei.

— Pensaste, Eleonora?

Ella não respondeu. Estava deitada com o rosto entre as mãos. A minha voz ergueu-se. Havia um papel molhado de suas lagrimas sobre o leito. Estendi a mão para toma-lo — ella entregou-m'o.

Erão uns versos meus. — Olhei para a mesa, minha carteira de viagem, que eu trouxera do carro, estava aberta: os papeis erão revoltos. Os versos erão estes.

Claudius tirou do bolso um papel amarellado e amarrotado: atirou-o na mesa. Johann leu:

Não me odeies, mulher, se no passado
Nodoa sombria desbotou-me a vida,
No vicio ardente requeimando os labios,
E de tudo descri com fronte erguida.

A masc'ra de Don Juan queimou-me o rosto
Na fria pallidez do libertino:
Desbotou-me esse olhar — e os labios frios
Ousão de maldizer do meu destino.

Sim! longas noites no fervôr do jogo
Esperdicei febril e macilento:
E votei o porvir ao Deus do acaso
E o amor profanei no esquecimento!

Murchei no escarneo as c'rôas do poeta,
E a ironia da gloria e dos amores:
Aos vapores do vinho, á noite insano,
Debrucei-me do jogo nos fervores!

A flôr da mocidade profanei-a
Entre as aguas lodosas do passado...
No craneo a febre, a pallidez nas faces,
Só cria no sepulchro socegado!

E azas limpidas do anjo em collo impuro
Mareei nos bafos da mulher vendida:
Inda nos labios me rouxêa o sello
Dos osculos da perdida.

E a myrrha das canções nem mais vapora
 Em profanada taça eivada e negra :
 Mar de lodo passou-me ao rio d'alma,
 As niveas flôres me estalou das bordas.
 Sonho de glórias só me passa a furto,
 Qual flôr aberta a medo em chão de tumbas
 — Abatida e sem cheiro...

O meu amor... o peito o silencia :
 Guardo-o bem fundo — em sombras do sacrário
 Onde hervaçal não se abastou nos ermos.
 Meu amor... foi visão de roupas brancas
 Da orgia á porta, fria e soluçando :
 Lampada santa erguida em leito infame ;
 Vaso templario da taverna á mesa :
 Estrella d'alva, reflectindo pallida
 No tremedal do crime.

Como o leproso das cidades velhas
 Sei me fugiras com horror aos beijos :
 Sei, no doudo viver dos loucos annos
 As crenças desflorei em negra insania :
 — Vestal, prostitui as fórmãs virgens
 — Lancei eu proprio ao mar da c'rôa as folhas
 — Troquei a rosea tunica da infancia
 Pelo manto das orgias.

Oh! não me ames sequer ! Pois bem ! uma dia
 Talvez diga o Senhor ao pôdre Lasaro :
 Ergue-te ahi do lupanar da morte,
 Revive ao fresco do viver mais puro !
 E viverei de novo : a mariposa
 Sacode as azas, estremece-as, brilha
 Despindo a negra tez, a bava immunda
 Da larva desbotada.

Então, mulher, acordarei : do lodo
 Onde Satan se pernhoitou comigo,
 Onde inda morno perfumou seu molde
 Setinosa nuêz de fórmãs niveas.
 E a loura meretriz nos seios brancos
 Deitou-me a fronte livida, na insomnia
 Quedou-me a febre da volupia á sêde
 Sobre os beijos vendidos.

E então acordarei ao sol mais puro,
 Cheirosa a fronte ás auras da esperanza !
 Lavarei-me da fé nas aguas d'oiro
 De Magdalena em lagrimas — e ao anjo
 Talvez que Deus me dê, curvado e mudo
 Nos effluvios do amor libar um beijo,
 Morrer nos labios delle !

Ella calou-se : chorava e gemia..

Acerquei-me della : ajoelhei-me como ante Deus.

— Eleonora, sim ou não?

Ella voltou o rosto para o outro lado, quiz fallar — interrompia-se a cada syllaba.

— Esperai, deixai que ore um pouco : a Madona talvez me perdôe.

Esperava eu sempre. — Ella ajoelhou-se.

— Agora... disse ella erguendo-se e estendendo-me a sua mão.

— Então?

— Irei contigo.

E desmaiou.

.....
Aqui parou a historia de Claudius Hermann.

Elle abaixou a cabeça na mesa : não fallou mais.

— Dormes, Claudius? por Deus! ou está bebado ou morto!

Era Archibald que o interpellava : sacudia-o a toda a força.

Claudius levantou um pouco a cabeça : estava macilento : tinha os olhos fundos n'uma sombra negra.

— Deixai-me, amaldiçoados! deixai-me pelo céu ou pelo inferno! Não vêdes que tenho somno — somno e muito somno?

— E a historia, a historia? bradou Solfieri.

— E a duqueza Eleonora? perguntou Archibald.

— É verdade... a historia. Parece-me que olvidei tudo isso. Parece que foi um sonho!

— E a Duqueza?

— A Duqueza?... Parece-me que ouvi esse nome alguma vez... Com os diabos, que me importa?

Ahi quiz proseguir; mas uma força invencível o prendia.

— A Duqueza... é verdade! Mas como esqueci tudo isso que não me alembro!... Tirai-me da cabeça esse peso... bofé que enchêrão-me o craneo de chumbo derretido!... e elle batia na cabeça macilenta como um medico no peito do agonisante para encontrar um echo de vida.

— Então?

— Ah! ah! ah! gargalhou alguém que tinha ficado estranho á conversa.

— Arnold! cala-te!

— Cala-te antes, Solfieri! eu contarei o fim da historia.

Era Arnold o louro que acordava.

Escutai vós todos, disse.

— Um dia Claudius entrou em casa. Encontrou o leito ensopado de sangue : e n'um recanto escuro da alcova um doudo abraçado com um cadaver. O cadaver era o de Eleonora : o doudo nem o pudéreis conhecer, tanto a agonia o desfigurára! Era uma cabeça hirta e desgrenhada, uma tês esverdeada, uns olhos fundos e baços onde o lume da insania scintillava a furto, como a emanção luminosa dos paúes entre as trevas...

Mas elle o conheceu... era o Duque Maffio...

Claudius soltou uma gargalhada. — Era sombria, como a insania — fria como a espada do anjo das trevas. Cahiú ao chão : lívido e suarento como a agonia : interijado como a morte...

Estava ebrio como o defunto Patriarcha. Noé, o primeiro amante da vinha, virgem desconhecida até então, e hoje prostituta de todas as bocas... ebrio como Noé o primeiro borracho de que reza a historia! Dormia pesado e fundo como o Apostolo S. Pedro no Horto das Oliveiras.... o caso é que ambos tinham ceado á noite....

Arnold estendeu a capa no chão, e deitou-se sobre ella.

Dahi a alguns instantes os seus roncós de barytono se mesclavam ao magno concerto dos roncós dos dormidos...

VI

JOHANN

Pourquoi ? c'est que mon cœur au milieu des délices,
D'un souvenir jaloux constamment oppressé,
Froid au bonheur présent, va chercher ses supplices
Dans l'avenir et le passé:

ALEX. DUMAS.

— Agora a minha vez ? Quero lançar tambem uma moeda em vossa urna : é o cobre azinhavrado do mendigo : pobre esmola por certo !

Era em Paris, n'um bilhar. Não sei se o fogo do jogo me arrebatára, ou se o *kirsch* e o *curação* me queimáráo demais as idéas... Jogava contra mim um moço : chamava-se Arthur.

Era uma figura loura e mimosa como a de uma donzella. Rosa infantil lhe avermelhava as faces ; mas era uma rosa de côr desfeita. Leve buço lhe sombreava o labio, e pela oval do rosto uma penugem dourada lhe assomava como a felpa que rebuça o pêcego.

Faltava um ponto a meu adversario para ganhar. A mim, faltavão-me não sei quantos : sei só que erão muitos : e pois requeria-se um grande sangue frio, e muito esmero no jogar.

Soltei a bola. Nessa occasião o bilhar estremeceu... O moço louro, voluntariamente ou não, se encostára ao bilhar... A bola desviou-se, mudou de rumo : com o desvio della perdi... A raiva levou-me de vencida. Adiantei-me para elle. A meu olhar ardente, o mancebo sacudiu os cabellos louros e sorrio como d'escarneo.

Era de mais ! Caminhei para elle : resôu uma bofetada. O moço convulso caminhou para mim com um punhal ; mas nossos amigos nos sustiverão.

— Isso é briga de marujo. O duello, eis a luta dos homens do brio.

O moço rasgou nos dentes uma luva, e atirou-m'a á cara. Era insulto por insulto, lódo por lódo: tinha de ser sangue por sangue.

Meia hora depois tomei-lhe a mão com sangue frio e disse-lhe no ouvido:

— Vossas armas, senhor?

— Sabê-las-heis no lugar.

— Vossas testemunhas?

— A noite e minhas armas.

— A hora?

— Já.

— O lugar?

— Vireis comigo! onde pararmos, ahí será o lugar....

— Bem, muito bem: estou prompto, vamos.

Dei-lhe o braço e sahimos. Ao ver-nos tão frios a conversar crêrão uma satisfação. Um dos assistentes comtudo entendeu-nos.

Chegou a nós e disse:

— Senhores, não ha pois meio de conciliar-vos?

Nós sorrimos ambos.

— É uma criança, tornou elle.

Nós não respondemos.

— Se precisardes de uma testemunha, estou prompto.

Nós nós curvámos ambos.

Elle entendeu-nos: vio que a vontade era firme; afastou-se.

Nós sahimos.

Um hotel estava aberto. O moço levou-me para dentro.

— Moro aqui, entrai, disse-me.

Entrámos.

— Senhor, disse-lhe, não ha meio de paz entre nós: um bofetão e uma luva atirada ás faces de um homem são nodoas que só o sangue lava. É pois um duello de morte.

— De morte, repeti como um echo.

— Pois bem: tenho no mundo só duas pessoas — minha mãe e... Esperai um pouco.

O moço pediu papel, penna e tinta. Escreveu: as linhas erão poucas. Acabando a carta deu-m'a a lér.

— Vêde, não é uma traição: disse.

— Arthur, creio em vós: não quero lér esse papel.

Repelli o papel. Arthur fechou a carta, sellou o lacre com um anel que trazia no dedo. Ao ver o anel uma lagrima correu-lhe na face, e cahiu sobre a carta.

— Senhor, sois um homem de honra. Se eu morrer, tomai esse anel: no meu bolso achareis uma carta: entregareis tudo a... Depois dir-vos-hei a quem...

Estais prompto? perguntei.

— Ainda não! antes de um de nós morrer é justo que brinde

o moribundo ao ultimo crepusculo da vida. Não sejamos Abyssinios: demais o sol no cinabrio do poente ainda é bello.

O vinho do Rheno correu em aguas d'ouro nas taças de cristal verde. O moço ergueu-se.

— Senhor, permitti que eu faça uma saúde comvosco.

— A quem?

— É um mysterio — é uma mulher, e o nome daquella que se apertou uma vez nos labios, a quem se ama, é um segredo. Não a fareis?

— Seja como quizerdes, disse eu.

Batemos os copos. O moço chegou a janella. Derramou algumas gottas de vinho do Rheno á noite. Bebemos.

— Um de nós fez a sua ultima saúde, disse elle. Boa noite para um de nós: bom leito, e somnos socegados para o filho da terra!

Foi a uma secretaria, abriu-a: tirou duas pistolas.

— Isto é mais breve disse elle. Pela espada é mais longa a agonia. Uma dellas está carregada, a outra não. Tirá-las-hemos á sorte. Atiraremos á queimaroupa.

— É um assassinato...

— Não dissemos que era um duello de morte, que um de nós devia morrer.

— Tendes razão. Mas dizei-me: onde iremos?

— Vinde comigo. Na primeira esquina deserta dos arrabaldes. Qualquer canto de rua é bastante sombrio para dous homens dos quaes um tem de matar o outro.

A meia noite estavam fóra da cidade. Elle pôz as duas pistolas no chão.

— Escolhei, mas sem toca-las.

Escolhi.

— Agora vamos, disse eu.

— Esperai: tenho um presentimento frio: e uma voz suspirosa me geme no peito. Quero rezar... é uma saudade por minha mãe.

Ajoelhou-se. A vista daquêlle moço de joelhos — talvez sobre um tumulo — lembrei-me que eu tambem tinha mãe e uma irmã... e que eu as esquecia. Quanto a amantes, meus amores erão como a sêde dos cães das ruas, saciavão-se na agua ou na lama... Eu só amára mulheres perdidas.

— É tempo, disse elle.

Caminhámos frente a frente. As pistolas se encostárão nos peitos. As espoletas estalarão: um tiro só estrondou: elle cahio morto...

— Tomai, murmurou o moribundo, e acenava-me para o bolso.

Atirei-me a elle. Estava afogado em sangue. Estrebuchou tres vezes e ficou frio... Tirei-lhe o anel da mão. Metti-lhe a mão no bolso como elle o disséra. Achei dous bilhetes.

A noite era escura: não pude lê-los.

Voltei á cidade. A luz baça do primeiro lampeão vi os dous

bilhetes. O primeiro era a carta para sua mãe. O outro estava aberto : li :

— « A uma hora da noite na rua de... nº 60, 1º andar; acharás a porta aberta.

« Tua G. »

Não tinha outra assignatura.

Eu não soube o que pensar. Tive uma idéa : era uma infâmia.

Fui á entrevista. Era no escuro. Tinha no dedo o anel que trouxera do morto... Senti uma mãozinha assetinada tomar-me pela mão : subi. A porta fechou-se.

Foi uma noite deliciosa! A amante do louro era virgem! Pobre Romeo! Pobre Julieta! Parece que essas duas crianças levavam as noites em beijos infantis e em sonhos puros!

(Johann encheu o copo; bebeu-o, mas estremeceu.)

Quando eu ia sahir, topei um vulto á porta.

Boa noite, cavalheiro, eu vos esperava ha muito.

Essa voz pareceu-me conhecida. Porém eu tinha a cabeça desvairada...

Não respondi : o caso era singular. Continuei a descer : o vulto acompanhou-me. Quando chegámos á porta vi luzir a folha de uma faca. Fiz um movimento e a lamina resvalou-me no hombro. A luta fez-se terrivel na escuridão. Erão dous homens que se não conhecião ; que não pensavão talvez terem-se visto um dia á luz, e que não havião mais ver-se por ventura ambos vivos.

O punhal escapou-lhe das mãos, perdeu-se no escuro : subjoguei-o. Era um quadro infernal, um homem na escuridão abafando a boca do outro com a mão, suffocando-lhe a garganta com o joelho, e a outra mão a tactear na sombra procurando um ferro.

Nessa occasião senti uma dôr horrivel : frio e dôr me corriam pela mão. O homem morrêra suffocado, e na agonia me enterrára os dentes pela carne. Foi a custo que desprendi a mão sanguenta e descarnada da boca do cadaver. Ergui-me.

Ao sahir tropecei n'um objecto sonoro. Abaixei-me para ver o que era. Era uma lanterna furta-fogo. Quiz ver quem era o homem. Ergui a lampada...

O ultimo clarão della banhou a cabeça do defunto... e apagou-se...

Eu não podia crer : era um sonho phantástico toda aquella noite. Arrastei o cadaver pelos hombros... levei-o pela lage de calçada até o lameão da rua, levantei-lhe os cabellos ensanguentados do rosto... (um espasmo de medo contrahio horriavelmente a face do narrador — tomou o copo, foi beber : os dentes lhe batião como de frio : o copo estalou-lhe nos labios).

Aquelle homem — sabeis-lo! era do sangue do meu sangue — era filho das entranhas de minha mãe como eu — era meu irmão : uma idéa passou ante meus olhos como um anáthema.

Subi ansioso ao subrado. Entrei. A moça desmaiára de susto ouvindo a luta. Tinha a face fria como marmore. Os seios nús e virgens estavam parados e gelidos como os de uma estatua..... A fórma de neve eu a sentia meia núa entre os vestidos desfeitos, onde a infancia assellára a nodoa de uma flôr perdida.

Abri a janella; levei-a até ahí...

Na verdade que sou um maldito! Olá, Archibald, dai-me um outro copo, enchei-o de *cognac*, enchei-o até á borda! Vêdes: sinto frio, muito frio; tremo de calafrios e o suor me corre nas faces! Quero o fogo des espiritos! a ardencia do cérebro ao vapor que tontêa... quero esquecer!

— Que tens, Johann? tiritas como um velho centenário!

— O que tenho? o que tenho? Não o vêdes pois? Era minha irmã!

VII

ULTIMO BEIJO DE AMOR

Well Juliett ! I shall lie with thee to night !

SHAKESPEARE, *Romeo*.

A noite ia alta : a orgia findára. Os convivas dormião repletos, nas trevas.

Uma luz raiou subito pelas físgas da porta. A porta abriu-se. Entrou uma mulher vestida de negro. Era pallida, e a luz de uma lanterna, que trazia erguida na mão, se derramava maci lenta nas faces della, e dava-lhe um brilho singular aos olhos. Talvez que um dia fosse uma belleza typica, uma dessas imagens que fazem descorar de volupia nos sonhos de mancebo. Mas agora com sua têz livida, seus olhos accesos, seus labios róxos, suas mãos de marmore, e a roupagem escura e gottejante da chuva, dissereis antes — o anjo perdido da loucura.

A mulher curvou-se : com a lanterna na mão procurava uma per uma entre essas faces dormidas um rosto conhecido.

Quando a luz bateu em Arnold, ajoelhou-se. Quiz dar-lhe um beijo, alongou os labios... Mas uma idéa a susteve. Ergueuse. Quando chegou a Johann, que dormia, um riso embranqueceu-lhe os beiços : o olhar tornou-se-lhe sombrio.

Abaixou-se junto delle : depóz a lampada no chão. O lume baço da lanterna dando nas roupas della espalhava sombra sobre Johann. A fronte da mulher pendeu, e sua mão pousou na garganta delle. — Um soluço rouco e suffocado offegou dahi. A desconhecida levantou-se. Tremia, e ao segurar na lanterna rescou-lhe na mão um ferro... era um punhal... atirou-c ao chão. Vio que tinha as mãos vermelhas — enxugou-as nos longos cabellos de Johann...

Volto a Arnold ; sacudiu-o.

— Acorda e levanta-te !

— Que me queres ?

— Olha-me : não me conheces ?

— Tu te não é um sonho ? És tu ! oh ! deixa que eu te aperte ainda ! Cinco annos sem ver-te ! Cinco annos ! E como mudaste !

— Sim : já não sou bella como ha cinco annos ! É verdade, meu louro amante ! É que a flôr de belleza é como todas as flôres. Alentai-as ao orvalho da virgindade, ao vento da pureza, e serão bellas. — Revolvei-as no lôdo — e como os fructos que cahem, mergulhão nas aguas do mar, cobrem-se de um involucro impuro e salôbre ! Outr'ora era Giorgia a virgem : mas hoje é Giorgia, a prostituta !

— Meu Deus ! meu Deus !

É o moço sumiu a fronte nas mãos.

— Não me amaldições, não !

— Oh ! deixa que me lembre ; estes cinco annos que passá-rao fôrão um sonho. Aquelle homem do bilhar, o duello á queima-roupa, meu acordar n'um hospital, essa vida devassa onde me lançou a desesperação, isto é um sonho ! Oh ! lembremo-nos do passado ! Quando o inverno escurece o céu, cerremos os olhos ; pobres andorinhas moribundas lembremo-nos da primavera !...

— Tuas palavras me dôem... É um adeus, é um beijo de adeus e separação que venho pedir-te : na terra nosso leito seria impuro, o mundo manchou nossos corpos. O amor do libertino e da prostituta ! Satan riria de nós. É no céu, quando o tumulto nos lavar em seu banho, que se levantará nossa manhã do amor....

— Oh ! ver-te e para deixar-te ainda uma vez ! E não pensaste, Giorgia, que me fôra melhor ter morrido devorado pelos cães na rua deserta, onde me levantarão cheio de sangue ? Que fôra-te melhor assassinar-me no dormir do ebrio, do que apontar-me a estrella errante da ventura e apagar-me a do céu ? Não pensaste que, após cinco annos, cinco annos de febre e de insomnias, de esperar e desesperar, de vida por ti, de saudades e angonia, fôra o inferno vêr-te para deixar-te !

— Compaixão, Arnold ! É preciso que esse adeus seja longo como a vida. Vês, minha sina é negra : nas minhas lembranças ha uma nodosa torpe... hoje ! é o leito venal... amanhã !.. não espero no leito do tumulto ! Arnold ! Arnold !

— Não me chames Arnold ! chama-me Arthur como d'antes. Arthur ! não ouves ? Chama-me assim ! Ha tanto tempo que não ouço me chamarem por esse nome !... Eu era um louco : quiz afogar meus pensamentos, e vaguei pelas cidades e pelas montanhas deixando em toda a parte lagrimas — nas cavernas solitarias, nos campos silenciosos, e nas mesas molhadas de vinho ! Vem, Giorgia ! senta-te aqui, senta-te nos meus joelhos, bem chegada a meu coração... tua cabeça no meu hombro ! Vem ! um beijo ! quero sentir ainda uma vez o perfume que respirava outr'ora nos teus labios. Respire-o eu e morra depois !... Cinco an-

nos! oh! tanto tempo a esperar-te, a desejar uma hora no teu seio!... Depois... escuta... tenho tanto a dizer-te! tantas lagrimas a derramar no teu collo! Vem! e dir-te-hei toda a minha historia! Minhas illusões de amante, e as noites malditas da crápula, e o tédio que me inspiravão aquelles beijos frios das vendidas que me beijavão! Vem! contar-te-hei tudo isto: dir-te-hei como profanei minha alma, e meu passado: e choraremos juntos — e nossas lagrimas nos lavarão como a chuva lava as folhas do lodo!

— Obrigado, Arthur! obrigado!

A mulher suffocava-se nas lagrimas, e o mancebo murmurava entre beijos palavras de amor.

— Escuta, Arthur! eu vinha só dizer-te adeus! da borda do meu tumulto: e depois contente fecharia eu mesma a porta delle... Arthur, eu vou morrer!

Ambos choravão.

— Agora vê, continuou ella. Acompanha-me: vês aquelle homem?

Arnold tomou a lanterna.

— Johann! morto! sangue de Deus! quem o matou?

— Giorgia. Era elle um infame. Foi elle quem deixou por morto um mancebo a quem eshofeteára n'uma casa de jogo. Giorgia prostituta vingou nelle Giorgia, a virgem. Esse homem foi quem a deshonrou! deshonrou-a, a ella que era sua irmã!

— Horror! horror!

E o moço virou a cara e cobriu-a com as mãos.

A mulher ajoelhou-se a seus pés.

— E agora adeus! adeus que morro! Não vês que fico livida, que meus olhos se empanão, e tremo... e desfalleço?

— Não! eu não partirei. Se eu vivesse amanhã, haveria uma lembrança horrivel em meu passado...

— E não tens medo? Olha! é a morte que vem! é a vida que crepuscúla em minha frente. Não vês esse arrepio entre minhas sobrancelhas?...

— E que me importa o sonho da morte? Meu porvir amanhã seria terrivel: e á cabeça apodrecida do cadaver não resoão lembranças; seus labios gruda-os a morte: a campa é silenciosa. Morrerei!

A mulher recuava... recuava. O moço tomou-a nos braços, pregou os labios nos della... Ella deu um grito, e cahiu-lhe das mãos. Era horrivel de ver-se. O moço tomou o punhal, fechou os olhos, apertou-o no peito, e cahiu sobre ella. Dous gemidos suffocárão-se no estrondo do baque de um corpo....

A lampada apagou-se.

FIM

THE SOURO DAS FAMILIAS

Encyclopedia de conhecimentos uteis na vida
pratica

COLLECÇÃO DE 1.502 RECEITAS

Abre economia domestica, sciencias, artes, industria, officios, manufatura agriculura, industria agricola, horticultura, arboricultura, medicina domestica, propriedade das plantas indigenas, exoticas, alveitaria, etc.

1 grosso vol. in-8º 6\$000

COZINHEIRO NACIONAL

Collecção das melhores receitas das cozinhas brasileiras e europeas para preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixes, crustaceos, ovos, leite, pães, bolachas, pastéis, doces de massas e conservas para sobremesa acompanhadas de regras de servir a mesa e de trinchar, etc.

1 forte vol. in-8º com numerosas e finas gravuras 3\$000

DOCEIRO NACIONAL

DU ARTE DE FAZER TODA A QUALIDADE DE DOCES.

Obra contendo 1.200 receitas

Conhecidas e ineditas de confeitos, empadas, pães, tortas, biscoitos, bolos, bolachas, brós, babás, savarins, vinhos, licôres, xaropes, limonadas, sorvetes, gelados e diversos processos usados para a depuração e extracção, e a arte de trabalhar com plantas saccharinas.

1 v. in 8º, ornado de numerosas gravuras. 3\$000

O CONSELHEIRO DA FAMILIA BRAZILEIRA

Encyclopedia dos conhecimentos indispensaveis na vida pratica

Pelo Dr. Felippe Nery Collaço

1 volume nitidamente impresso, contendo diversos artigos sobre habitação, vestidos, toucador, alimentação, hygiene, meninos, doenças, conselhos de casa, usos e deveres da sociedade, cartas, bailes e reuniões, palavras e phrases viciosas, receitas culinarias, etc., etc., bem encadernado. . . 6\$000

Verdadeira encyclopedia de educação, o livro, com o nome que serve de titulo a estas linhas, não se recommenda, impõe-se á necessidade que todos nós temos de conhecer minuciosamente essa grande variedade de preceitos e regras que nos elucidão e guião na complicação extensissima do nosso labor quotidiano.

DICCIONARIO FRANCEZ-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-FRANCEZ

contendo : a pronuncia figurada, a conjugação de todos os verbos irregulares nos tempos simples, as phrases cuja traducção pôde offerecer alguma difficuldade, as locuções e proverbios usados em ambas as linguas e augmentado com mais de 25.000 termos de medicina, cirurgia, veterinaria, physica, quimica, pharmacia, mineralogia, botanica, zoologia, astronomia, bellas-artes, nautica e das demais sciencias e artes; bem como os principaes nomes geographicos antigos e modernos, e seguido de uma lista de nomes proprios alguns dos quaes historicos e outros mythologicos, composto com auxilio de dictionarios portuguezes de Moraes e Vieira, dos melhores dictionarios francezes e do Grande Dictionario Universal do XIX seculo, de Pierre Larousse, p.

João Fernandes Valdez

3ª edição melhorada.

2 grossos vs. in-4º grande, impresso em tres columnas. 12/0

DICCIONARIO INGLEZ-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-INGLEZ

composto sobre os melhores dictionarios das duas linguas, contendo a pronuncia figurada e augmentado com mais de 15.000 termos de todas as sciencias e artes, enriquecido com as irregularidades dos verbos e muitos idiosmismos, phrases familiares e um vocabulario geographico e outro de nomes proprios, etc., etc., por

JOÃO FERNANDES VALDEZ

2 grossos volumes in-8º, de 2.000 paginas. 8/0

DICCIONARIO LATINO-PORTUGUEZ

etymologico, prosodico, historico, geographico, mythologico, biographico, et no qual são aproveitados os trabalhos de philologia e lexicographia mais recentes, redigido segundo o plano do dictionario Latino-Francez, de Quicherat, e precedido de uma lista dos autores e monumentos latinos citados no volume e das principaes siglas usadas na lingua latina, por

F. R. DOS SANTOS SARAIVA

nitido volume in-4º grande, com 1.325 pags. de tres columnas, elegante solidamente enc. 10/0

DICCIONARIO CONTEMPORANEO DA LINGUA PORTUGUEZA

planeado pelo fallecido professor F. J. CALDAS AULETE e composto sob a recção de A. L. dos Santos Valente.

2 grossos volumes encadernados. 28/0

